



atos

do conselho geral

ano LXXIII — janeiro-março, 1992

n. 339

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

órgão oficial de animação e de comunicação para a congregação salesiana

N. 339

ano LXXIII

janeiro-março

1992

1. Carta do Reitor-Mor	1.1 P. Egídio Viganó Há ainda bom terreno para semear 3
2. Orientações e Diretrizes	2.1 P. Luc Van Looy Pastoral Vocacional da Pastoral Juvenil 38
3. Disposições e normas	Não existem nesse número
4. Atividades do Conselho Geral	4.1 Crônica do Reitor-Mor 44 4.2 Atividades dos Conselheiros.. 45
5. Documentos e Notícias	5.1 Os jovens e a nova educação 64 5.2 Visitadoria Salesiana do Haiti 66 5.3 Publicações do Instituto Histórico Salesiano 67 5.4 Novos Inspetores 69 5.5 Bispos Salesianos 71 5.6 Reitor da Universidade Pontifícia Salesiana 72 5.7 Irmãos falecidos..... 73

Tradução:

P. Fausto Santa Catarina

Editora Salesiana Dom Bosco

Rua Dom Bosco, 441 — Mooca

03105 — São Paulo — SP

Fone: (011) 277-3211

Fax: (011) 279-0329

Telex: 11 32431 ESPS BR

HÁ AINDA BOM TERRENO PARA SEMEAR

Introdução — Os 150 anos de Bartolomeu Garelli — Um insistente apelo do CG23: fé e vocação — A vocação e as vocações — Nova perspectiva da pastoral juvenil — Desafios do contexto atual — Despertar do transcendente e itinerários que devem ser elaborados — Ser comunidade que apresenta proposta — “Personalizar” o itinerário de fé — Cuidar experiências maduradoras — Saber chamar e acompanhar — Conclusão: os primeiros responsáveis.

Roma, Solenidade da Imaculada,
8 de dezembro de 1991

Queridos irmãos,

uma saudação cordial também dos membros do Conselho Geral. Voltamos, faz algumas semanas, da Terra Santa onde vivemos uma profunda experiência de contemplação da história da salvação num curso especial de exercícios espirituais.

Comemoravam-se os 100 anos da presença salesiana na Palestina. Participamos das celebrações dos irmãos (SDB) e das irmãs (FMA) daquelas Inspetorias tão provadas e ao mesmo tempo tão beneméritas. Rezamos por todas as comunidades e cada um dos irmãos, enquanto nos emergíamos no mistério da Encarnação (com Maria e com José) e nos sentíamos envolvidos nos eventos pascais da paixão e morte de Jesus, da sua ressurreição e do dom pentecostal do Espírito.

Retornamos cheios dos sentimentos de Cristo e renovados na vontade de empenharmos na sua missão na história.

Quanto haveria de meditar, que satisfação não experimentaria o nosso querido pai Dom Bosco por uma experiência tão intensa na terra da sagrada Família e dos Apóstolos, se, quando ia a Roma, visitava com extraordinário interesse os testemunhos dos mártires cristãos e o lugar da tumba de S. Pedro. Seu primeiro sucessor, o beato Miguel Rua, duas vezes peregrinou pela Terra Santa (1895 e 1908) em atitude de gratidão e em busca de um impulso seguro para o futuro da Congregação.

Nós também no sentimos na Terra Santa como representantes de toda a Família de Dom Bosco. A conferência da cidadania honorária de Belém ao Reitor-Mor e à Madre Geral foi como um gesto simbólico que nos une a todos mais intimamente com a raiz davídica do Senhor.

De minha parte, pedi para a Congregação, em Belém, no templo da Natividade, o dom de saber renovar eficazmente a dimensão vocacional da nossa pastoral.

A Terra Santa é a pátria da mais documentada e rica história de vocações. Deus empreendeu sua aventura na humanidade privilegiando estas regiões. Chamou numerosos colaboradores tão diferentes uns dos outros: patriarcas, guias, profetas, juizes, reis, sacerdotes, heróis, homens e mulheres para missões concretas. Chamou-os em todas as idades, do seio materno (como João Batista) à idade adulta (como os doze Apóstolos e Saulo de Tarso).

Em Belém, em Nazaré e em Jerusalém, era estimulante meditar a exortação do Senhor: a messe é grande e os operários são poucos, pedi insistentemente ao senhor da

1.cf. *Mt* 9,37

messe que aumente o número dos operários.¹ É sugestivo pensar que justamente Jesus é o primeiro operário da vinha, sempre à procura de colaboradores; é Ele que na parábola do semeador nos ensinou que parte da semente caiu em bom terreno e frutificou. Devemos mesmo reconhecer que há sempre no decorrer dos séculos e, pois, também hoje entre nós, terreno bom onde pode frutificar a semente lançada pelo Senhor, sempre vivo e ativo na sua Igreja.

Os 150 anos de Bartolomeu Garelli

Neste 8 de dezembro, solenidade da Imaculada Conceição, estive em Turim para comemorar o 150º aniversário daquele humilde evento que Dom Bosco considerou como o início da Obra dos Oratórios.

Esteve sempre convencido de que na origem desta Obra deu-se a maternal intervenção da Virgem Maria. Ela tudo fez, dirá mais tarde. Por intercessão de Maria, o encontro de Bartolomeu Garelli com Dom Bosco foi como o pequeno grão de mostarda de um flórido carisma na Igreja. Um carisma que, entre outras coisas, confia a Nossa Senhora toda a orientação vocacional dos jovens; Ela guiou o próprio Dom Bosco na fundação de uma Congregação com o envolvimento de vocações jovens: os 22 que em 14 de maio de 1862 fizeram com ele os primeiros votos salesianos são a melhor prova histórica da dimensão vocacional, amparada por Maria, presente em todo o devir salesiano. Dom Bosco se dedicou intensamente às vocações não somente para a Obra dos Oratórios, mas para toda a Igreja nos seus diferentes ministérios, carismas e serviços.

Na sua indefeça atividade vocacional, o nosso Fundador foi também original e criativo, sobretudo no amadurecimento dos candidatos. Organizou também o cultivo das chamadas “vocações tardias”; não obstante as numerosas dificuldades

encontradas (também por parte de D. Gastaldi), instituiu a OMA (Obra de Maria Auxiliadora) precisamente para cultivar as vocações de jovens de idade mais madura. Filipe Rinaldi, vocação adulta, tornou-se ao depois um ótimo formador delas.

Os tempos, é certo, estão hoje muito mudados, mas jamais nos abandonam nem a criatividade do Espírito do Senhor nem a ajuda maternal de Maria: o semeador continua sempre a deitar sementes em terra boa.

Um insistente apelo do CG23: fé e vocação

O último Capítulo Geral apresentou-nos a fé com energia de vida e como vértice da nossa atividade educativa, vivificada e coroadada por um clima de espiritualidade.

Uma deliberação capitular nos lembra que “o caminho de fé dos jovens exige que a comunidade salesiana dê particular atenção à sua orientação vocacional”.²

2. CG23 247

O texto fala do “caminho de fé dos jovens” na sua unidade e integralidade, ou seja, de *todo* o caminho, considerando-o em cada fase da atividade educativa; se em alguma etapa do percurso viesse a faltar a orientação vocacional, ficaria ela marginalizada de fato da autenticidade do nosso educar na fé.

Desde muito tempo o tema das vocações tem sido objeto de atenta reflexão por parte dos nossos Capítulos Gerais. O Reitor-Mor P. Luís Ricceri dedicou-lhe uma carta circu-

3. ACS 273,
janeiro-março
1974
4. CG21 106-119
5. ib. 119d

lar.³ Sobretudo o CG21⁴ apresentou uma síntese válida ainda hoje: e, seguindo uma de suas indicações,⁵ o Dicastério para a pastoral juvenil ofereceu às Inspetorias, em 1982, um oportuno subsídio.

A originalidade do CG23 é a de ter inserido a dimensão vocacional no caminho de fé dos jovens e de haver concebido o mesmo caminho como uma resposta gradual e progressiva a um chamado pessoal. Pensemos nas *quatro áreas* indicadas pelo Capítulo; elas são *simultâneas*, ainda que com diferentes destaques e intensidade. Pois bem, cada uma delas faz apelos vocacionais, ao passo que a quarta área, a do empenho pelo Reino, se concentra explicitamente no apelo vocacional, como condição indispensável de autenticidade de todo o caminho.

Assim, desde o início da educação da fé, a atenção volta-se pedagogicamente para a dimensão vocacional: os passos que o jovem vai dando em direção da maturidade humana (primeira área), as metas que vai percorrendo no seu conhecimento e participação no mistério de Cristo (segunda área), a sua inserção gradual na própria vida da Igreja (terceira área) deveriam levá-lo ao interesse pessoal pelo Reino (quarta área) “ empenhando a própria vida pela causa de Deus, salvador do homem”.⁶

6. cf. CG23 149ss

O processo vocacional não é um momento “último”, “casual”, “elitista”, “excepcional”, mas o eixo principal de todo o caminho, em cada uma de suas etapas.

A vocação e as vocações

É útil lembrar, conquanto de maneira sucinta, que na origem da vida de fé está o sacramento do Batismo. Ele pressupõe uma

opção fundamental por Cristo e um envolvimento no projeto operativo do seu Reino.

O Concílio Vaticano II fez emergir a verdade batismal da vocação comum de todo o Povo de Deus, promovendo uma como reviravolta copernicana na maneira de conceber a realidade da vocação. Esta, com efeito, deve ser considerada pensando antes de tudo no plano global de Deus para salvar o homem. Na base encontra-se Cristo e a sua Igreja com a missão de conduzir a humanidade para a meta da salvação: a construção do Reino.

O sacramento do Batismo incorpora a Cristo e à Igreja, investindo cada cristão na grande vocação do Povo de Deus. Ser leigo, tornar-se padre e fazer-se religioso significa assumir uma maneira especial de se colocar a serviço da vocação comum e colaborar na missão da Igreja. Todas as “vocações” estão radicadas na única “vocação” fundamental e por ela são iluminadas. Isto tem especial importância para a construção do projeto da nossa pastoral vocacional.

Quando falamos de “vocações”, decerto nos referimos especialmente às dos vários grupos de vida consagrada, do sacerdócio ministerial ou de um laicato explícita e concretamente empenhado. Se de um lado não basta, para cuidar dessas vocações, apresentar somente a vocação batismal de fundo, pois se deve fazer compreender a indispensabilidade de ministérios, de testemunhos e de serviços precisamente para poder realizar a missão comum, por outro lado, porém, é precisamente no Batismo — sacramento da fé — que se encontra a razão substancial de toda vocação cristã, e é de aí — ou seja, do cuidado da comum vocação cristã — que se deve projetar toda a atividade em favor das vocações. Em outras palavras: para nós, o cuidado das vocações *se inclui constitutiva-*

mente na própria pastoral juvenil, com a qual entendemos educar os jovens na verdadeira fé cristã. Ninguém pode educar um jovem na fé sem desenvolver nele a vocação fundamental do Batismo.

Podemos também ir além e afirmar que a existência de cada pessoa é uma vocação. Criada para viver “à imagem e semelhança de Deus”, a pessoa é chamada a colaborar, em comunhão de destino, com os outros homens numa história que leva todo o mundo à meta do Reino.

O Concílio aprofundou os conceitos de “mundo” e de “Igreja”, superando a dicotomia entre “profano” e “sagrado”. Mundo e Igreja convergem numa única história orientada, de fato, à construção do Reino; não são mutuamente estranhos, mas se unem (embora em si seja um profundamente diferente da outra) numa existência histórica concreta e comum; o mundo à maneira de “massa”, a Igreja à maneira de “fermento”. “A Igreja — afirma o Concílio —, enquanto ela mesma ajuda o mundo e dele recebe muitas coisas, tende a um só fim: que venha o Reino de Deus e seja instaurada a salvação de toda a humanidade”.⁷

Nessa visão conciliar, pode-se afirmar que a Igreja (com sua vocação cristã) é para o mundo, mas também que o mundo (com sua vocação humana) é para a Igreja. Por diferentes razões, é claro. Distinguindo, com efeito, na Igreja seu duplo aspecto de “instituição de salvação” e de “início do Reino”, deve-se reconhecer que como “instituição de salvação” a Igreja é totalmente para o mundo — ou seja, está voltada operativamente para a salvação do homem —; mas que, como “iniciação do Reino”, a Igreja é a verdadeira meta à qual tende o devir do mundo, todo ele encaminhado historicamente para uma nova criação.

Assim a dimensão vocacional numa válida educação cristã tende simultaneamente a

7. *Gaudium et Spes* 45

desenvolver tanto o significado humano da existência de uma pessoa como o seu ingresso na órbita da fé mediante o Batismo e os compromissos ulteriores.

Por isso, a vocação e as vocações cristãs especiais não são estranhas ou antitéticas à vocação existencial da pessoa; são, antes, uma sua explicitação qualificada para um resultado positivo da história. Ser “cristão”, e, depois, tornar-se “padre”, ou “consagrado” para testemunhar as bem-aventuranças, ou “leigo” particularmente engajado, significa realizar uma tarefa vital da Igreja a serviço do mundo para atingir a grande meta do Reino.

A vocação do Povo de Deus e as vocações específicas que põem em ação seus dinamismos aparecem objetivamente e, na história, não como uma fuga do campo de batalha ou uma alienação, mas como um empenho dos mais responsáveis pela vitória do bem; não são um refúgio antimundano para salvar a própria alma, mas a colaboração generosa com Cristo para levar o homem à plenitude das suas potencialidades. O mundo sem Cristo levaria à derrocada global da história; a vocação e as vocações nasceram para evitá-la. Não há nada mais precioso para o decurso da história humana do que vocação de Cristo e as vocações dos seus discípulos.

Nova perspectiva da pastoral juvenil

Se olharmos para Dom Bosco e para as finalidades estabelecidas para a nossa Congregação, veremos que a perspectiva vocacional se acha no centro das preocupações educativas. De fato, as Constituições dizem que “cultivamos de modo particular as vocações apostólicas”⁸ como uma das finalidades que guiam a missão salesiana.

8. Const. 6

9. Const. 28

10. Const. 37; cf.
Reg. 16-17

Ao tratar dos nossos “destinatários”, afirmam que entre os jovens privilegiados pela missão salesiana estão os que apresentam germes de vocação apostólica;⁹ além disso, dizem ser a orientação vocacional indispensável nos planos educativos como conteúdo e serviço a todos os jovens.¹⁰

O CG23 considera justamente a “comunidade salesiana” como sujeito global do trabalho vocacional; ela envolve cada um dos irmãos em comunhão operativa com o Inspetor e o Diretor, segundo um acurado projeto educativo-pastoral em nível inspetorial e local. É um projeto de pastoral juvenil para a educação da fé, todo impregnado de uma eficaz orientação vocacional.

É evidente que, ao enfrentar hoje os problemas da “nova evangelização” e da “nova educação”, haverá que considerar não poucas novidades na elaboração do projeto de pastoral juvenil e também da orientação vocacional; por isso é necessário dedicar-lhe atenção e tempo, com desvelo e predileção.

Não basta continuar simplesmente com a metodologia pastoral do passado; há urgência de nova reflexão comunitária e de inteligente criatividade na busca de iniciativas no campo vocacional. Pode-se dizer que a medida de uma verdadeira pastoral juvenil é a sua consistência vocacional! Se não se formar a vocação cristã comum nem se cultivarem vocações especiais para o seu serviço, tornar-se-á estéril toda a educação dos jovens na fé!

Vê-se, então, que é mais do que urgente, entre nós, que nos dediquemos ao cultivo das vocações específicas para os grupos da Família Salesiana, de modo especial das que se orientam para nossa Congregação: de clérigos e de coadjutores. A parábola do semeador deve abrir-nos o coração à esperança.

Surgiram, é bem verdade, novas e numerosas dificuldades, mas também consoladores motivos de recuperação. Os tempos tornaram-se particularmente difíceis, mas o poder do Espírito do Senhor é mais forte que as dificuldades; e nós com toda a razão chamamos a Virgem Auxiliadora de “a Senhora dos tempos difíceis”.

Vamos ver em que sentido o horizonte se tornou mais escuro hoje para as possibilidades vocacionais.

Desafios do contexto atual

Não há duvidar que existem hoje contextos que tornam difícil o nascimento e o crescimento das vocações. Há um emaranhado de condicionamentos negativos, mesmo que acompanhado de novas possibilidades, que exige nossa atenção comunitária e a criação de um projeto de ação sistemática — não apenas ocasional — para respostas novas e apropriadas, que não sejam apenas repetições de modalidades que perderam incisividade.

Os contextos são diversificados segundo as regiões, mas convém não esquecer que vai crescendo, um pouco por toda a parte, um tipo de cultura com notas universais. Algumas dificuldades que em breve vamos enumerar estarão presentes mais num do que noutro lugar, mas a consideração delas leva em toda a parte a reflexões úteis na elaboração de um projeto para a orientação vocacional.

- Começamos pela *secularização da sociedade*, que se espalha como mancha de óleo no mundo.

Até agora, muitas expressões sociais e culturais estavam impregnadas de uma dimensão religiosa. Foi crescendo, entretanto,

a irrelevância social do que é religioso, que torna mais difíceis e longos os ritmos da maturação da fé quer como conhecimento dos seus conteúdos, quer, ainda mais, como prática de vida.

Ser cristãos — ou seja, viver a opção batismal — numa sociedade pluralista torna-se socialmente uma modalidade entre tantas outras, com o mesmo direito de cidadania. Pode surgir, então, um clima de relativismo, de ofuscamento dos ideais tradicionais, de perda do sentido da vida. Muitos jovens parecem flutuar à deriva num barco sem bússola. Perdem a perspectiva do transcendente, que é o alicerce da fé, e se fecham em pequenas respostas sobre o sentido da vida, absolutamente insuficientes para os grandes anseios do coração humano. As próprias respostas que a ciência entende oferecer-lhes tornam-se carentes na ótica da busca de significado, porque não se referem à finalidade última da vida e ao sentido global da história.

Urge fazer sentir a necessidade de experiências de silêncio e de reflexão, de escuta do mistério e de oração, de encontro com os eventos verdadeiramente significativos da existência para meditá-los nos profundos refolhos do espírito.

• Outra dificuldade é provocada pela *multiplicidade das mensagens*, com abundância de propostas, fundadas em concepções filosóficas e religiosas diversas, somada a uma aceleração das mudanças em quase todos os campos do social: política, economia, ciência, ética, estilos de vida. A apresentação de tantas mensagens, contrastantes até, torna particularmente difícil o discernimento vocacional. Segue-se uma concepção de liberdade como “possibilidade nunca fechada de

novas opções”, que traz consigo uma marcante indecisão ante opções definitivas; é fácil, talvez, a generosidade por tempos limitados, mas se torna verdadeiramente pesado o “para sempre”, porque as contínuas transformações poderiam reservar outras novidades mais apetecíveis à escolha.

Nesta atmosfera móvel podem dar-se duas reações extremas: em muitos o “indiferentismo” — porque nenhum ideal seria objetivamente entusiasmante —; e em alguns a atitude de reação quase visceral denominada “fundamentalismo” — ou seja, uma sofreguidão por recuperar as certezas perdidas, mediante a afirmação voluntarista de antigas modalidades de julgamento — sem abertura às exigências objetivas dos sinais dos tempos.

Nem o indiferentismo nem o fundamentalismo são um clima favorável a uma orientação vocacional salesiana.

- Outra dificuldade é constituída pelo dado cultural do *prolongamento da idade juvenil*, em virtude do qual costumam ser adiadas as decisões pessoais. As fases tradicionais da iniciação cristã, consideradas ontem como momentos privilegiados para um projeto pessoal de fé, são, não poucas vezes, colocadas em tempos inadequados e insuficientes. De feito, as situações que determinam a orientação na vida (ingresso no mundo do trabalho, universidade, etc.) ocorrem mais além da adolescência, numa idade mais avançada. As experiências e os conteúdos evangélicos da iniciação cristã conservam absolutamente toda a sua importância, mas já não cobrem, pelo menos sistematicamente, a idade juvenil. Destarte, os “jovens” de certo modo não são acompanhados de maneira específica justamente quando se acham ain-

da em plena evolução, nos anos em que se dispõem a fazer opções existenciais.

Eles têm, por outro lado, um nível cultural mais elevado, tanto no campo dos estudos como nas experiências, pelo que precisam de um acompanhamento mais adequado e, além do mais, oportunamente diversificado.

Por isso, o discurso da orientação vocacional deve ser muito mais consistente e convincente, o testemunho mais nítido, as propostas mais concretamente válidas. E isto certamente desafia a capacidade das nossas comunidades de dialogar com os jovens para o amadurecimento da fé em projetos de vida.

- Outra questão que pode também implicar dificuldades parte de um fato de per si muito positivo, mas nem sempre iluminado plenamente nos seus significados. É o que poderíamos chamar dos *temas geradores*: são valores novos que soem entusiasmar hoje o jovens, como a paz, a solidariedade, a justiça, a ecologia, a mundialidade, a subjetividade, etc. Eles abrem um horizonte fascinante, mas que poderia interessar a consciência somente com perspectivas horizontais, favorecendo uma atitude de temporalismo que se torna presa fácil de instrumentalizações, de modas, de ideologias, que em prazo não muito longo provocam desilusão e mal-estar.

A orientação vocacional não deve fugir desses “temas geradores”, mas deve saber iluminá-los com o valor supremo e absoluto em que se ancora toda opção de fé. É indispensável vincular estes temas à pessoa de Cristo, o único verdadeiro Libertador: sua ressurreição, que o faz Senhor da história, é a maior novidade de todos os tempos.

- Não há esquecer, por fim, entre as dificuldades atuais, uma disseminada *perda*

de apreço social (pelo menos no ocidente) em relação às vocações eclesiásticas. A crise sacerdotal e religiosa destes últimos decênios introduziu, em vários ambientes, desafeição e suspeitas. Nossas comunidades também nem sempre apresentaram um semblante acolhedor e apostólico, não proclamaram com clareza e entusiasmo a identidade do próprio projeto evangélico de vida, não souberam propor espaços de protagonismo ao empenho cristão dos jovens.

Por isso a relação com a vocação e as vocações em vez de ser envolvente tornou-se até fraco, menos propositivo, chegando a converter-se, mais de uma vez, em silenciosa passividade.

É evidente que, neste caso, é mister reagir com todas as forças: converter-se. Sem testemunho de vida, qualquer cuidado válido das vocações morrerá.

— Desta maneira, a multiplicidade das dificuldades e dos problemas vem indicar-nos a urgência e indispensabilidade de atenta e nova reflexão comunitária sobre a orientação vocacional para saber, depois, elaborar itinerários concretos de acompanhamento, que devem ser continuamente submetidos a avaliações.

O despertar do transcendente e itinerários que devem ser elaborados

As dificuldades não são poucas, mas há também sinais promissores de retomada. O horizonte religioso dos jovens está assinalando um despertar e novas possibilidades. Não é uma retomada universal nem totalmente clara; apresenta-se marcada por certa ambivalência, mas se abre de forma crescente à busca de um horizonte de transcendência. O

evento Czystokawa (agosto de 1991) foi significativo e é promessa de multiplicação de uma juventude que descobre com entusiasmo contagiante o mistério de Cristo.

Cresce entre não poucos jovens a estima da experiência religiosa, como qualidade nobre da existência humana. Ela se mostra, é verdade, fortemente subjetivizada, mas é uma abertura preciosa à transcendência.

Intensifica-se também uma constante procura de sentido que se manifesta sobretudo em grupos bem unidos e bem motivados; isto estimula também em outros a disponibilidade para momentos de reflexão e espiritualidade. É cada vez mais partilhada a participação em iniciativas de solidariedade de vários tipos, mesmo de caráter apostólico. Vê-se, em suma, que se está espalhando um clima de novidades abertas ao Evangelho. Traz ele consigo, de forma quase conatural e, pois, facilmente aceita, um conjunto de interrogações vitais justamente sobre o sentido da vida.

Nesse clima, não é difícil inserir o tema da orientação vocacional. Não são poucos os jovens que se deixam interpelar, e se a proposta é introduzida com sensibilidade e simpatia para as novidades positivas acima indicadas, desperta verdadeiro interesse.

É também possível pensar que a atual crise das vocações esteja ela mesma ligada aos sinais dos tempos e seja, portanto, permitida por nosso Senhor a fim de despertar nas comunidades cristãs uma dinâmica de conversão, de criatividade e de inovação que adapte o cultivo das vocações aos desafios sócio-culturais.

Nenhuma concessão, pois, ao descompromisso nem ao desânimo, mas vontade de intensificar a orientação vocacional dentro de uma pastoral juvenil renovada,

centrada em objetivos apropriados aos tempos!

Alguns pontos de referência sugeridos pela situação religiosa que estamos vivendo e que devem ser privilegiados são os seguintes:

- a apresentação do mistério de Cristo como valor histórico central, acessível a cada um mediante uma vida inspirada nos valores evangélicos de amor, serviço, austeridade, universalidade;

- o atrativo da experiência fraterna de grupo, como um modo de introduzir-se na comunhão eclesial;

- o apreço para com ideais de serviço como a opção preferencial pelos pobres, a busca da justiça, a coragem da não violência, as iniciativas pela paz, etc.;

- o desejo de protagonismo com a assunção de responsabilidades concretas visando a projetos socialmente úteis;

- a experiência do voluntariado com as suas exigências de organização e de sacrifício.

A possibilidade de propor com eficácia aos jovens de hoje um compromisso cristão que deve ser desenvolvido num itinerário vocacional está ligada, antes do mais, à nossa genuína espiritualidade, como pessoas e como comunidade, de maneira que exprima de forma transparente o valor da vida em Cristo. De aí derivará a qualidade da educação dos jovens na fé, ao que será preciso acrescentar um cuidado atento e constante para com os que demonstram sinais de vocação especial.

“Espiritualidade”, “qualidade pastoral” e “acompanhamento vocacional” são três aspectos necessários e inseparáveis. Vindo a faltar um só deles, o itinerário vocacional se torna estéril.

Parece-me, por isso, oportuno indicar alguns pontos práticos que exigem nas casas um esforço renovado a fim de aplicar conve-

nientemente as diretrizes do último Capítulo Geral.

Para tanto, porém, será mister, antes do mais, ter presentes alguns princípios fundamentais, que constituem a constelação orientadora de todo empenho vocacional.

O primeiro de todos é que *qualquer vocação é iniciativa de Deus* e dom do seu amor. Deve-se, pois, apoiar toda a ação na oração, sem jamais esquecer sua natureza “espiritual”.

- À iniciativa de Deus é preciso acrescentar *a indispensável parte ativa do jovem* em todo o processo vocacional. É ele, pessoalmente, o sujeito do diálogo com o Senhor e das decisões que se devem tomar. De aí a importância de saber iluminar a sua liberdade e promover sua capacidade de reflexão e busca.

- E ainda *a necessidade de apropriadas mediações educativas*, tanto de pessoas como da comunidade. Propor e chamar pelo nome é próprio do bom educador que sente ser mediação escolhida por Deus para revelar ao jovem um nobre projeto.

Estes princípios devem ser considerados atentamente no caminho vocacional que se quer percorrer junto com os jovens. Eles convidam a nos dedicarmos, pessoal e

comunitariamente, a cuidadosa revisão da orientação vocacional na pastoral juvenil das obras.

Eis, então, alguns pontos concretos sobre os quais deve concentrar-se a atenção e a elaboração de projetos.

Ser comunidade que apresenta proposta

Um primeiro ponto é o sublinhado vigorosamente pelo CG23: a comunidade salesiana

como “sinal” e “escola de fé” e como “centro de comunhão e participação”. Ela é, concretamente, o lugar e a forma de vida a que é convidado o jovem vocacionável. É uma mediação privilegiada. Torna-se, no seu dia-a-dia, apelo que ajuda a ouvir de perto, a acolher e interpretar o chamado interior do Senhor. Oferece ao jovem referências concretas para realizar o seu desejo de doação. Põe à sua disposição um tecido de relacionamentos, impregnados de trato familiar e de empenho, e um ambiente de partilha em que o jovem pode viver e desenvolver melhor a própria fé, sentir o fascínio atraente da missão, conseguindo outrossim compreender que os defeitos, dos outros e próprios, não são obstáculo à realização de um projeto de vida autenticamente vinculado a Cristo e evidentemente eficaz para fazer o bem.

Mas a comunidade não pode ser somente um “tema” para ser tratado com os jovens quando se fala de vocação; deve ser uma realidade viva e partilhada. Vem de aí a necessidade de cultivar muitas modalidades concretas das nossas expressões comunitárias, religiosas e apostólicas. Para tal fim, conviria insistir em vários aspectos da convivência salesiana já abundantemente expostos em outros documentos: não será difícil voltar a considerá-los em comunidade, sobretudo o da espiritualidade.¹¹ Destacamos aqui apenas alguns.

Um primeiro aspecto que deve ser considerado com concretude renovadora é o de concentrar a atenção sobre o que caracteriza a nossa comunidade, ou seja, sobre a vitalidade da missão juvenil. A comunidade é chamada a criar e animar um “ambiente” e uma mais ampla “comunidade educativa” onde os jovens entram em contato entre si e com adultos cristãos que têm consciência da

11. cf. ACG 334,
outubro-
dezembro 1990

opção batismal, ou seja, da vocação como Povo de Deus. O ambiente se tornará terreno fértil para as sementes de vocações particulares se envolver os jovens na participação ativa na missão comum de todos na Igreja, oferecendo possibilidades de diálogo sobre os problemas da evangelização hoje, qualificando-se com iniciativas capazes de fazer uma síntese entre crescimento humano e compromisso cristão, e propondo-se como centro de agregação e irradiação no território para criar solidariedade e sentir-se protagonistas diante de necessidades concretas. Entra aqui em jogo *a participação na vida da Igreja local* (paróquia, diocese, conferência episcopal), que projeta a missão de Cristo sobre todos os habitantes do território e também sobre corajosas iniciativas missionárias. No ambiente eclesial local, o convite de compromissos vocacionais específicos encontram uma expressão mais compreensível e uma atenção mais disponível. Falam as suas propostas de bem para com os vizinhos e os distantes, falam as suas mensagens sobre o sentido da vida, falam também as experiências religiosas de oração, meditação e ardor apostólico, falam os seus lugares de encontro, os seus sinais, as pessoas que a representam.

Não é difícil, assim, fazer uma comparação entre a força de apelo da Igreja e outras sugestões mundanas, cuja validade na busca de sentido é objetivamente irrelevante. A Igreja supre e remedeia os limites de testemunho e de incisividade apostólica dos educadores. Os jovens descobrem que no mistério global da Igreja há uma energia de vida maior do que a que expressam os vários agentes. Sentir e agir com a Igreja é, pois, no que diz respeito aos fins vocacionais, um caminho de grande eficácia que deve ser levado em consideração nas nossas comunidades.

Não poucas casas, pelo menos nestes últimos anos, fizeram uma experiência positiva ao acolher algum jovem vocacionável que passa a partilhar a oração comunitária, a coresponsabilidade apostólica, a fraternidade, a alegria de viver como salesiano. Trata-se de uma iniciativa tomada também por outras congregações, masculinas e femininas, contemplativas e ativas. Ela não pode evidentemente ser proposta como primeira fase do processo vocacional. Mas é certamente oportuna para aqueles que já manifestam intenções precisas e capacidade, e mostram poder participar de maneira responsável de um estilo comunitário de convivência. Isto ajuda também a dar a medida do confronto e da revisão a que se devem submeter as comunidades.

Em suma, somos convidados a ver na própria comunidade o sulco, o húmus em que se deita e germina a semente das vocações. O jovem vê nos gestos da comunidade e nas atitudes dos seus membros, nos valores que ela exprime, na sua tensão apostólica e, sobretudo, na sua espiritualidade de seqüela do Cristo, as substâncias nutritivas que garantem um crescimento vigoroso e sereno dos germes do batismo.

“Personalizar” o itinerário de fé

A graça do Batismo traz dentro de si por conaturalidade o dinamismo vocacional, mesmo o das vocações especiais. A própria fé é vocação: Deus chama, e o batizado responde. Há dom e acolhida, convite e aceitação, proposta e projeto.

Esse diálogo de fé vai tomando expressão concreta à proporção que o crente vai adentrando a própria existência e se incumbe da

história da salvação. De aí brotam os motivos e a energia para as opções mais radicais de compromisso. Quando a fé batismal não é cuidada e não vai amadurecendo, não só é descurada a vocação, mas nem sequer florescem as vocações.

Mas quais as condições de nascimento, manutenção e crescimento da fé nos jovens de hoje? Já indicamos alguns fenômenos que lhe dificultam o amadurecimento.

O CG23 vê a resposta a esta complexa situação num “*caminho*” *gradual* que ponha em comunicação contínua a vida dos jovens e o sentido da fé. O documento capitular inspira-se no ícone de Emaús: caminhar em companhia de Jesus.

A imagem do caminho sugere a elaboração de itinerários nos quais se inclua um acompanhamento pessoal, sobretudo para os jovens mais adiantados no amadurecimento da fé. É necessário que os valores e as propostas sejam interiorizados por eles de modo que se tornem, a partir do íntimo dos seus corações, “luz” clara para se orientarem e “energia” verdadeira para progredirem. Encetar um caminho significa tomar em consideração os pontos de partida de cada um dos sujeitos, mas também não se deter em metas intermédias ou mínimas ao alcance de todos. Exige, ao invés, sentir-se empenhados em progredir sempre mais com quem tem forças, apresentando novas metas até a uma espiritualidade pessoal sólida e coerente.

A fim de “personalizar” um itinerário, dever-se-á fazer interagir no ambiente tanto as propostas de base para os que começam como as mais exigentes, conforme as possibilidades das pessoas e dos grupos.

Não faltam, por vezes, nas nossas presenças, apelos explicitamente vocacionais, quem sabe até abundantes, mas a resposta é

pequena, ao passo que se podem ver outras experiências eclesiais com melhores resultados. Uma chave para superar a esterilidade é certamente a “personalização” do crescimento da fé. Quando não se predispõe e não se acompanha a pessoa para que ouça a voz do Senhor, as propostas e as mediações se tornam ininterpretáveis. Eis por que consideramos urgente verificar a consistência da educação da fé que oferecemos aos jovens. É preciso ir mais além do trabalho de massa (conquanto válido e indispensável) e acompanhar cada um de acordo com o nível que atingiu.

A diversidade de progresso dos jovens neste caminho requer um diálogo concreto com cada um de nós. Devemos procurar que se desenvolva o mais possível. Ele é vital em todo o sentido: como batizado que dialoga com Cristo, como protagonista das próprias decisões, como observador inteligente em busca de discernimento. Propor um itinerário é ajudar a passar do desejo vago e da primeira informação sobre a fé à iniciação sistemática do mistério de Cristo e da Igreja, e desta a uma espiritualidade concreta e orgânica.

“Personalizar” significa também envolver de maneira mais direta, passando de valores evangélicos em geral a uma responsabilidade de contato e de diálogo com Cristo, até a uma verdadeira amizade com Ele e à partilha consciente, conquanto gradual, com sua missão no mundo.

Justamente na perspectiva de ajudar a percorrer um itinerário para a fé madura, urge dar mais importância à experiência sacramental com Cristo para pôr sólidos fundamentos de convicções e atitudes evangélicas.

As vocações especiais nascem de uma “opção por Deus”; por vezes e excepcional-

mente, ela pode ser instantânea como um raio, mas normalmente é calma e prolongada, seguindo um processo lento e maturativo.

Requer-se o esforço pedagógico de iluminar o jovem com a Palavra de Deus, com a experiência dos sacramentos, com o contato de comunhão com outros crentes. Isso implica planejamento de oração, purificação ascética, vida eucarística.

A generosidade espontânea, a vontade de consumir-se pelos outros, a simpatia pelos valores evangélicos podem logo esgotar-se caso não sejam integrados num itinerário pessoal coerente, que leve a colocar o mistério de Cristo no centro da própria existência.

Se, por conseguinte, é verdade que um itinerário de orientação vocacional compreende vários aspectos, todos eles importantes para uma resposta plenamente consciente, é igualmente verdade que o segredo de tudo está no encaminhar a liberdade do jovem para crescer numa espiritualidade consciente.

Aqui é que não se devem absolutamente errar os cálculos e onde se devem concentrar os esforços da comunidade e de cada educador.

Cuidar experiências maduradoras

A avaliação dos esforços vocacionais feitos na Congregação nos últimos anos revela que ao longo do caminho de fé se encontram momentos particularmente fecundos: são como oásis benéficos, como estações de reabastecimento, como cimos de montanha de onde se descortinam panoramas novos. Os jovens levados a eles descobrem de maneira mais incisiva as características de um projeto de vida com Cristo e se sentem atraídos pela

beleza, pela novidade e pela profundidade. Tais momentos constituem uma espécie de ermo, um como deserto, longe dos ruídos da cidade, onde é mais fácil encontrar “experiências fortes” que atingem a pessoa profundamente. Agradavam a Jesus também e aos seus discípulos. Respondem ao desejo, por parte dos jovens, de ter contato direto com o transcendente, de lançar o olhar ao imenso firmamento do céu muito acima das luzes de néon e dos letreiros de propaganda das ruas da cidade.

Na carta circular sobre “Carisma e oração”¹², eu sublinhava como os Movimentos eclesiais atraem pela capacidade de envolvimento pessoal, de empenho de fé e de partilha consciente. O balanço do Movimento juvenil salesiano animado pela nossa espiritualidade também é objetivamente positivo nesse sentido. Será mister saber incrementar as experiências maduradoras, dando profundidade e consistência aos elementos que as constituem e fazendo com que tenham seqüência na vida e não se limitem a intervalos esporádicos.

Vamos lembrar algumas destas experiências maduradoras.

- Uma delas é, decerto, a que se chama “*escola de oração*”: aprender a ouvir a Deus e a dialogar com Ele. A oração e a oração mental são expressão genuína da fé. Fazem passar da periferia da própria existência ao interior da vida, onde a pessoa encontra a si própria, descobre o significado da própria subjetividade com a sua dimensão transcendente e social. Não se trata de tirar importância às práticas de oração no conjunto do ambiente, mas de fazer emergir a indispensabilidade de um aprendizado e de uma experiência vivida e sentida de forma pessoal.

12. ACG 338,
outubro-
dezembro 1991

É certamente um bem que tais experiências de oração e as escolas da Palavra estejam se multiplicando entre a juventude. Trata-se de tempos, de lugares, de grupos que servem para abrir-se à voz do Espírito que habita em nós, para aprender as diversas formas de diálogo com o Senhor, e sentir-se impregnados da verdade de salvação. Os jovens os procuram como ocasião privilegiada de síntese interior e aprofundamento de sentido.

Desses momentos, bem preparados, flui um sinal positivo de fecundidade vocacional. Em mais de um caso, a própria temática desses momentos pode ser explicitamente vocacional, também no sentido da radicalidade evangélica. Da oração passa-se espontaneamente ao diálogo de discernimento e à direção espiritual. Desta sorte, os centros de oração se tornam também, de fato, centros de orientação vocacional em complementaridade com as demais iniciativas do caminho.

- *O cultivo atento dos "tempos fortes"* é também particularmente madurador. Ele está bem próximo às escolas de oração, mas se distingue delas. É mais tradicional entre nós e costuma ser experiência de conversão e retomada. Os frutos das casas de retiro ou de espiritualidade juvenil, que surgiram nos últimos decênios em muitas Inspetorias, foram muitos e encorajadores, sobretudo quando essas casas foram organizadas não simplesmente como lugares de hospitalidade, mas como centros espirituais com uma equipe eficiente de orientação, de oração e de especial celebração da revisão de vida para a reconciliação. Elas oferecem, de modo particular, o aprofundamento e a frequência do sacramento da penitência, que exerce extraordinária importância na orientação vocacional.

- Outra experiência maduradora se encontra em *iniciativas várias de serviço e de*

apostolado. Se, superando a tentação do simples ativismo, elas forem tomadas por motivações de fé e de solidariedade evangélica, abrem os jovens às grandes necessidades do povo e da Igreja e fazem perceber a força do amor de que Cristo deu testemunho.

- Também *a animação de ambientes* ou de atividades, *os vários empenhos* de tipo cultural e social, *o voluntariado na pátria ou no estrangeiro*, *a colaboração nas missões*, etc. são oportunidades e estímulos para uma reflexão sobre o empenho da própria existência com aberturas de fraternidade. Em todas estas iniciativas, o acompanhamento pedagógico e espiritual é indispensável se se quiser que seu exercício se torne processo de crescimento e não se esgote numa generosidade transitória.

- Importante iniciativa maduradora é a do *“grupo”*:

É uma experiência privilegiada, que assume também algumas das iniciativas anteriores e as coloca num contexto de partilha, de protagonismo de conjunto e co-responsabilidade.

Os grupos podem ser de tipo diferente, mas devem estar repassados de uma atmosfera espiritual; vale a pena apresentar como particularmente fecundo, entre nós, os do Movimento juvenil salesiano e dos Jovens Cooperadores. As estatísticas confirmam o que já se observa a olhos vistos sobre a incidência da experiência de grupo no que respeita ao nascer das vocações. Não, porém, como dizia, de qualquer grupo, mas dos que desenvolvem a consciência de pertença, sentido de eclesialidade, radicação na fé e tensão apostólica.

Convergem, de fato, na atividade desses grupos diversos fatores de maturação vocacio-

nal. O ver e julgar juntos, o realizar atividades bem organizadas criam um hábito de atenção e de discernimento. A ação apostólica, especialmente, treina para a doação, põe em contato com as situações dos necessitados. O encontro pessoal com os animadores (padres, religiosos, leigos e os próprios jovens mais responsáveis) fortalece a possibilidade de escolha.

Todo grupo empenhado torna-se, desta sorte, “vocacional”, não somente em sentido geral por cultivar a pertença e a participação ativa na opção batismal, mas também em sentido específico porque oferece itinerários de esclarecimento e de experiência inicial.

13. CG23 274-283

Não foi por acaso que o CG23 dedicou uma orientação operacional em favor do “grupo”,¹³ destacando a incidência da dimensão associativa sobre a maturação da fé.¹⁴

14. ib. 143-145

É preciso agir neste campo. Nele se recupera um aspecto oratoriano vital da nossa pastoral juvenil.

Saber chamar e acompanhar

O testemunho silencioso e o convite implícito nem sempre são suficientes para despertar as vocações. O testemunho de Jesus era muito transparente, seu fascínio era grande, entretanto Ele lançou o apelo direto e a proposta pessoal a cada um dos apóstolos.

O Papa e as sugestões do magistério dos Pastores falam explicitamente da “*coragem de chamar*”. Também o nosso CG21 já convidava a “ter a coragem de apresentar aos jovens também as vocações mais empenhativas”.¹⁵

15. CG 21 113e

Houve, lamentavelmente, e talvez persista ainda em alguns a dúvida ou a negligência de querer expressar abertamente, de forma oportuna, o convite pessoal. Deixar de fazê-lo torna-se de fato um pernicioso “silêncio vo-

cacional". Poder-se-ia também falar de covardia ou inconsciência em relação ao próprio ministério, porque um jovem cristão tem objetivamente *o direito* de conhecer as propostas vocacionais da Igreja. Costuma-se dar como desculpa dessa atitude acomodada o respeito pela liberdade: as decisões vocacionais deveriam amadurecer sozinhas. Mas isto é uma racionalização irresponsável. Jesus e a Igreja não ensinam assim. Lembremos também os convites concretos que Dom Bosco fazia e a sua dedicação incansável em atender as confissões dos seus jovens, especialmente das últimas classes, mesmo quando já idoso e doente. Pensemos na forma extraordinária com a qual Dom Bosco chamou Filipe Rinaldi; um caso excepcional, certamente, que revela, entretanto, uma sua metodologia ordinária a respeito, empregada sempre com agudo discernimento.

A coragem de chamar provém da fé, da paternidade espiritual, da convicção da beleza e da indispensabilidade da missão de Cristo na história, do conhecimento íntimo do candidato. "Chamar" é a nobre atitude de quem oferece um grande valor, de quem se preocupa em elevar a maturação do jovem convidado, de quem se sente preocupado com o maior bem da sociedade e da Igreja.

Essa coragem já se expressa, de forma genérica, numa atividade vocacional orgânica, que se tornou parte viva da pastoral juvenil. Ela se dirige num primeiro movimento a todos, mas tende de fato a concentrar progressivamente a atenção e os cuidados diferenciados com aqueles que demonstrarem sinais específicos.

Neste sentido nos orienta o CG23 quando indica¹⁶ as fases do crescimento vocacional do jovem: descobrimento dos próprios recursos,¹⁷ treinamento para a generosidade,¹⁸ anúncio

16. CG23 151-156

17. ib. 151

18. ib. 152

19. ib. 153

20. ib. 154

21. ib. 155

22. ib. 156

vocacional,¹⁹ proposta explícita,²⁰ discernimento²¹ e opção inicial.²²

O apelo à coragem da proposta é dirigido não somente ao Diretor mas também aos irmãos. Supõe em cada um vigilante observância e familiar convivência para descobrir os sinais de vocabilidade e saber iniciar (ou fazer iniciar) um diálogo pessoal. “Não tenham medo de chamar”, disse-nos o Papa. A nova estação vocacional está marcada por um clima de lealdade cristã e de franqueza em apresentar aos jovens as vocações de especial empenho. Muitos deles não conseguiriam interpretar a voz do Senhor se não fossem ajudados com uma proposta explícita. Hoje, infelizmente, a desinformação a respeito do sacerdócio ministerial, da vida consagrada e de outras formas de especial empenho torna difícil um conhecimento objetivo da sua importância social e eclesial. Podem parecer aos jovens como distantes de sua existência e até estranhas à cultura emergente. Assim, muitas disposições generosas ficam sem se manifestar, mesmo diante de testemunhos muito válidos. Por isso é necessário mostrar de maneira convincente os espaços e os modos que garantem a extraordinária validade das vocações especiais para o futuro e fazê-las florescer.

Prescindir da proposta seria uma forma ultrapassada de renúncia ao próprio ministério pastoral e educativo. O Senhor coloca no nosso caminho meninos e jovens com admiráveis disposições, já cultivadas — mais de uma vez — pela família e amadurecidas na primeira catequese. Uma amizade educativa, uma convivência de busca, um pedido de direção espiritual, a partilha de algum compromisso apostólico colocam-nos na invejável oportunidade de coroar a obra com uma adequada proposta pessoal.

- À coragem da proposta é preciso, depois, acrescentar o cultivo e a programação de um “acompanhamento” constante e amigável. No documento final do 2º Congresso internacional para a vocações (1981) se afirma que “quando um jovem ou uma pessoa adulta adverte o chamado divino e pediu e recebeu conselho, sente a necessidade e a utilidade de uma ajuda e de um guia para encontrar com clareza cada vez maior seu caminho e seguir: é o problema do acompanhamento”.

Além de organizar, onde possível, ambientes particularmente adequados (aspirantados renovados, comunidades-proposta, etc.), tornou-se sempre mais indispensável (às vezes como única possibilidade, por causa de certas exigências locais, culturais, familiares, idade e circunstâncias) o acompanhamento pessoal antes do pré-noviciado.

Os critérios adequados a este serviço devem ser combinados e partilhados comunitariamente, para evitar o risco de arbitrariedade e de individualismo sobre aspectos que são substanciais no desenvolvimento de uma vocação.

Deve-se procurar a convergência e o acordo sobretudo em atenção a três exigências: a autenticidade e a consistência das motivações, o enfoque correto da vida espiritual e a capacidade de relações. Seguir critérios divergentes na resposta a essas exigências será prejudicial — antes ou depois — ao amadurecimento vocacional de tipo salesiano.

O acompanhamento deverá também ajudar a superar os eventuais limites da formação cristã de base que em vários candidatos pode mostrar-se falha, quer do ponto de vista dos conhecimentos necessários quer do da prática cristã de vida. Um acompanhamento sadio saberá também fazer superar a perniciosa tendência a adiar continuamente a própria

decisão; a volubilidade e a indecisão — tão fáceis hoje — levam insensivelmente ao abandono das metas.

Numa palavra, o acompanhamento é tarefa delicada mas muito incisiva. Com ele é que se consolidam alguns dinamismos-chave para o processo vocacional ulterior.

Na elaboração inspetorial do Projeto educativo-pastoral, convirá confiar um espaço também aos critérios que devem guiar a pedagogia do acompanhamento, os objetivos colimados e a gradualidade do roteiro que se deve seguir.

Conclusão: os primeiros responsáveis

Ao concluir estas reflexões, vejo a importância, queridos irmãos, de acrescentar ainda uma palavra sobre três fatores que se mostram vitais para a nossa pastoral vocacional: o papel do Inspetor, a responsabilidade do Diretor e o contato com a família dos candidatos.

• *No papel do Inspetor* (com o seu Conselho), o exercício do ministério pastoral está ligado conaturalmente com o empenho vocacional. É, de fato, aspecto vital da sua animação e governo garantir o futuro do carisma, preparar novas levas de recrutas, regenerar os recursos de pessoal. Seria muito pernicioso que o seu ministério se limitasse apenas a pensar como empregar as forças já existentes, sem calcular se as frentes e os tipos de trabalho estão habilitados a gerar outras.

A preocupação relativa às vocações não pode tornar-se marginal no exercício do governo. Deve, ao contrário, ser objeto de aprofundamento e de medidas concretas que

incidam de fato sobre as comunidades locais, sobre as pessoas dos irmãos e sobre o funcionamento das obras. Trata-se de converter as comunidades e os irmãos em “animadores”. A capacidade de animar é o sinal mais expressivo da renovação conciliar da missão, dos ministérios e dos carismas. Graças à prática da animação, abriu-se uma nova fase na Igreja, nos Institutos religiosos, nos Movimentos, nas Associações e nos Grupos. Seria verdadeiramente incompreensível que isso não se verificasse nas nossas presenças.

Trata-se de motivar os irmãos e as comunidades, de estimulá-los e prepará-los a fim de que cada um saiba desenvolver, no seu campo de trabalho, uma obra de orientação; de apoiar com subsídios as iniciativas vocacionais; de relançar a presença da direção espiritual e o exercício do ministério das confissões; de programar uma formação permanente visando a uma maior qualificação pastoral.

• *A responsabilidade do Diretor* está bem definida pelo CG21: “Em nível local, o primeiro responsável pela animação vocacional é o Diretor, justamente pela sua função de guia da comunidade. Ele deve promover, num clima de fé e oração, um escrutínio vocacional periódico”.²³

23.CG21 114

Ele se esforça por envolver de fato toda a comunidade, de acordo com as incumbências de cada um dos irmãos. Não se trata de delegar alguém, mas de co-responsabilizar cada um, explicitando um plano comum, fazendo assimilar critérios de discernimento, combinando formas de atuação e indicando o tipo e a gradualidade da sua ação pessoal. Preocupar-se-á em seguir com atenção a escolha e a coordenação das iniciativas dos jovens, cuidando do seu sentido e finalidades,

preocupando-se em não deixar faltar as que promovem a orientação vocacional.

Seria imprudente e imprevidente que também o Diretor e sua comunidade pensassem somente no funcionamento e na ampliação da obra, deixando predominar setores menos influentes no amadurecimento juvenil do sentido cristão da vida.

Prende-se ao cargo de Diretor, de modo particular, a sua capacidade e disponibilidade para a conversa pessoal com os jovens, sobretudo com os mais maduros e com os que dão sinais de vocabilidade. “O Diretor — afirma o Capítulo — tome a peito o encontro pessoal com os jovens, particularmente com aqueles cujo caminho está chegando a uma decisão importante de vida”.²⁴

É deveras um convite a recuperar as modalidades pedagógicas próprias do Sistema Preventivo e da figura “pastoral” que Dom Bosco queria para o Diretor.

• Por fim, o contato com a família dos candidatos tem peculiar importância no acompanhamento dos jovens encaminhados para a vocação salesiana. Os pais são, de per si, os primeiros responsáveis da vocação dos filhos. Em nível de pastoral juvenil, em geral já se está agindo na Igreja num plano de maior complementaridade com a pastoral familiar; lembrava-o a exortação apostólica “Familiaris consortio” (especialmente n. 74).

O empenho pelo funcionamento, em nossas presenças, da “comunidade educativa” e o “Projeto leigos” (em favor sobretudo de tantos Cooperadores e Ex-alunos) também convidam a sintonizar mais e constantemente a pastoral juvenil com a pastoral familiar.

Num clima de maior coordenação, fruto da eclesiologia conciliar de comunhão que tanto custa ainda fazer crescer, ganha especi-

al relevo vocacional o conhecimento, o contato, o diálogo com as famílias dos candidatos. Aprofundam-se suas motivações, descobrem-se também algumas dolorosas dificuldades, mas, sobretudo, procura-se promover a radicação familiar da vocação justamente no ambiente onde desabrochou a fé batismal. Com este contato se intensificam qualidade e cooperação e se evitam surpresas. O estilo de vida dos pais, sua ação educativa e seu testemunho são deveras o melhor terreno para uma vocação salesiana. A paternidade e maternidade cristã são um dos objetivos privilegiados da pastoral da Igreja hoje. Quantas vocações não nasceram e nascem precisamente no seio das famílias que têm fé. Com razão a pastoral vocacional preocupa-se também, em comunhão com os esforços da Igreja local, em ajudar seriamente as famílias em sua renovada consciência cristã e em sua tarefa educativa.

Lançar iniciativas neste sentido, promover a fé dos pais interessados, introduzi-los na órbita do nosso carisma, lembrar e desenvolver quanto afirma Dom Bosco em seu favor, é certamente um campo fecundo que se deve tomar em maior consideração.

Hoje cresce a necessidade de ajudar as famílias para que sejam capazes de se opor ao subtil clima secularista que vai crescendo na sociedade. Somente uma pastoral mais ampla e de cooperação serve para cultivar os rebentos, ricos de promessas, que se estão apresentando cada vez mais numerosos nesta primavera da Igreja. O Evangelho, ensinando-nos embora que os filhos não são propriedade dos pais, proclama que eles são um dom de Deus, confiado primordialmente a eles para a renovação da sociedade mediante a missão de Cristo. Também Jesus, o Verbo encarnado, foi confiado, para o bem de todos, a uma santa família.

Olhemos com admiração para José e Maria, invoquemo-los com confiança e constância. Eles são, sem dúvida, os principais intercessores para mais eficaz pastoral vocacional. Confiemos a ela as necessidades atuais da Igreja e do mundo, falemos com eles da imensidade da messe, das crescentes necessidades educativas da juventude, agradeçamos a eles quanto já fizeram em favor do carisma de Dom Bosco, e peçamo-lhes com insistência que nos ajudem a aumentar a qualidade e o número dos operários da vinha.

O documento conclusivo do já lembrado Congresso internacional de 1981 chama a Virgem Maria “mediadora de vocações”, “modelo de toda pessoa chamada”, “Mãe de todas as vocações”.

Um especial recurso a Ela, queridos irmãos, esteja na base e no centro da renovação da nossa pastoral vocacional.

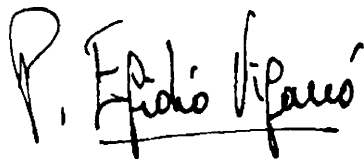
Desejo a todos um frutuoso ano novo em operante esperança. O Evangelho nos garante que “algumas sementes caíram em terreno bom; as sementes germinaram, cresceram e deram fruto”.²⁵

25. Mc 4,8ts

Dediquemo-nos, pois, a cultivar melhor o terreno bom.

A todos, os melhores votos de mais numerosas vocações.

Com afeto no Senhor,

A handwritten signature in black ink, reading "P. Epifânio Viana". The signature is written in a cursive, flowing style. The "P" is large and prominent, followed by "Epifânio" and "Viana" which are more compactly written.

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1. PASTORAL VOCACIONAL DA PASTORAL JUVENIL

P. Luc VAN LOOY

Conselheiro para a Pastoral Juvenil

Introdução

A carta do Reitor-Mor põe em evidência pontos de referência e princípios fundamentais de todo empenho vocacional e sublinha alguns pontos concretos.

Sem querer repetir elementos e ter a pretensão de ser exaustivo, parece-me útil refletir sobre alguns aspectos vitais da pastoral vocacional do ponto de vista da pastoral juvenil na Congregação.

Aproveitando a ocasião da revisão do projeto educativo pastoral salesiano (PEPS) que cada Inspeção fará durante o próximo Capítulo Inspeitoral, as casas e os organismos de coordenação das Inspeções encontrarão a maneira de verificar a modalidade da orientação vocacional dentro do PEPS. O CG23 diz: “A orientação, a proposta, o acompanhamento vocacional devem tornar-se partes qualificativas dos itinerários de fé ao longo de todas as suas etapas” (CG23, 251).

No projeto educativo pastoral da presença salesiana distinguem-se *quatro dimensões* que simultaneamente garantem a autenticidade salesiana da atuação da comunidade salesiana e da comunidade educativo-pastoral. Uma destas dimensões é “a orientação vocacional” como opção para a vida. (As outras dimensões são: educação e cultura, evangelização e catequese, crescimento social e associacionismo. (Cf. “*Pastorale Giovanile Salesiana*” Dicastero P. J., 1990, p. 66-73).

O CG23 identifica quatro áreas no caminho da fé; na quarta, “para um empenho para o Reino”, coloca a dimensão vocacional (CG23, 153-156).

A pastoral vocacional não é um momento terminal do caminho de fé, como a alguns poderia parecer dizer a expressão das Constitui-

ções (art. 37) quando lhe chamam “coroamento”. Não é simplesmente uma série de atividades que se desenvolvem com “os jovens que demonstram sinais de vocação a uma especial consagração”, mas é *“um elemento presente em toda a parte, qualificador de todas as áreas de intervenção e de cada etapa”* (CG23, 247).

A pastoral vocacional coloca-se dentro da pastoral juvenil. Elas qualificam-se reciprocamente. Em todas as Inspetorias o animador-coordenador vocacional não pode ser escolhido fora da equipe de pastoral juvenil (Cf. CG23, 253).

1. Um único movimento educativo-pastoral

A unidade da pessoa do jovem exige que não se separem os elementos da educação. Esta exigência é reforçada pelo fato que o sujeito principal da educação é o próprio jovem. A meta é que o jovem chegue a ocupar o próprio lugar na sociedade humana de maneira qualificada, consciente e responsável, como realização da própria vocação. Através de muitas formas e intervenções, ele deve atingir a meta, acompanhado pelos educadores e pela comunidade.

A convergência sobre a mesma pessoa e sobre a meta final, por ser fruto do modelo de homem apresentado pelo Evangelho e pela cultura, faz entrar num único movimento educativo-pastoral todas as atividades e iniciativas que se tomam a favor do crescimento do jovem. O salesiano não se limita a iniciativas de caráter material ou cultural e religioso que toma a favor do jovem; sua atenção, de vários modos, dirige-se ao próprio jovem.

Dentro desse movimento educativo e pastoral, coloca-se a atenção vocacional, qualificadora de toda atividade e ação, que ilumina e acompanha cada jovem na própria opção de vida. A intencionalidade do educador “desvela” no jovem a vontade de desenvolver os dons recebidos e de realizar-se plenamente segundo o modelo de homem proposto.

2. Momentos fortes

O crescimento gradual de cada jovem sugere intervenções em vários níveis e com intensidade diferenciada. É um caminho em que se colocam iniciativas de particular forma e densidade. A pastoral vocacional está atenta a meninos e jovens que buscam alguma coisa que vai além das sensibilidades normais oferecidas pelo ritmo quotidiano, e oferece experiências concretas de serviço, reflexão, espiritualidade e formação cristã. Separando o jovem do ambiente ordinário, criando grupos homogêneos de pessoas que procuram um compromisso mais profundo de vida, oferecendo também a oportuni-

dade de caminhar junto com “modelos”, ajuda-se a descobrir a pessoa de Cristo bom Pastor.

Estes momentos fortes dão particular desenvolvimento a dois aspectos importantes da pedagogia salesiana: à vida de grupo”, na qual os jovens se encontram para trocar experiências e para procurar valores comuns que dão entusiasmo, e à *direção espiritual*, diálogo pessoal e profundo com o salesiano que os acompanha ao longo do caminho.

Na Congregação existe hoje uma grande variedade de momentos fortes: a forma mais entusiasmante parece ser a “formação de jovens animadores”. Jovens dos nossos ambientes, abertos aos valores propostos, reúnem-se para dias de estudo e reflexão, e se organizam para um serviço em estilo oratoriano a jovens pobres ou pessoas necessitadas. O movimento juvenil salesiano cria o espaço desejado para esses jovens.

Estágios vocacionais, campings juvenis, peregrinações, grandes concentrações internacionais, experiências de serviço gratuito, compromissos em nível de Igreja local, sempre acompanhados por membros da Família Salesiana, tornam-se momentos de forte busca do sentido da própria vida, de doação e atenção ao que quer o Senhor da própria vida.

A *convivência do jovem em comunidade*, num relacionamento simples e transparente com os Salesianos, tem, sem dúvida, grande força e é o apelo mais forte no que respeita à vocação religioso-eclesial.

Algumas Inspetorias encontraram formas estruturadas para oferecer experiências fortes aos jovens com casas de exercícios espirituais, reuniões regulares, grupos de vocacionáveis, escolas de oração e círculos bíblicos. Às vezes tais experiências se concentram em torno de algumas casas que têm esta finalidade especial, ou em torno de uma equipe de irmãos disponíveis para este tipo de serviço às escolas, paróquias e estruturas da Igreja local.

3. Salesianos preparados para o acompanhamento vocacional

Perguntamo-nos se vivemos plenamente o nosso ser Salesianos, empenhando-nos todos pela completude e intensidade deste trabalho em prol das vocações na Igreja e na sociedade.

A cada Inspetor pede o CG23 que “cuide da preparação dos irmãos, tanto no que respeita à orientação vocacional como à direção espiritual” (CG23, 253).

Adverte-se a necessidade de repetir que “*cada salesiano assume a responsabilidade da própria formação*” (Const. 99). Os Salesianos capazes de guiar os jovens em sua busca “vocacional” devem crescer

sempre em número, experiência e qualidade, dentro das comunidades e nas Inspetorias.

Muitas Inspetorias comunicam que a orientação vocacional é simplesmente *delegada* ao encarregado inspetorial. Talvez encontremos aqui um dos motivos principais da crise, porque só o fato de “delegar” indica “uma maneira irresponsável de ser salesiano”. O salesiano é muitas vezes definido como “entusiasta, alegre, simpático, atraente, contagiante”... Está convencido de que a vocação é uma “escolha das mais altas para a consciência de quem crê” (Const. 23). Pois expressemos isso!

O estar no meio dos jovens, falar a sua linguagem mesmo em termos de fé, ou como diz o CG23 “eliminar as distâncias entre nós e eles” (CG23, 97), com a vontade expressa de que a graça da vocação chegue e seja recebida, exprime bem esta “capacidade salesiana”. Pensemos no P. Calosso que continuava a olhar Joãozinho Bosco e isto já bastava para impressionar profundamente o menino (Cf. *Memorie dell'Oratorio*, Torino, LDC, p. 24-25). Considerando a própria vocação, nenhum salesiano pode eximir-se desse compromisso de “chamar”.

4. Comunidades contagiantes

Diz-se que alguns jovens se sentem atraídos pela nossa vida enquanto se encontram nos grupos, nos empenhos com os Salesianos, jovens para os jovens, mas que depois desanimam quando entram em contato com as comunidades. Dizem que não é tanto pela idade dos irmãos, como, antes, pelo modo de viver a vida salesiana.

Para ser “contagante”, a comunidade deverá recuperar certas capacidades específicas: *a abertura e a alegria de convidar jovens a participar da própria vida e de momentos significativos* (Cf. CG23, 252); *o testemunho visível e inteligível da oração comunitária, aberta à participação de colaboradores leigos e dos jovens: a dimensão vocacional expressa e vivida no projeto educativo-pastoral* e, mediante este projeto, em toda a comunidade educativo-pastoral.

A resposta às interpelações do contexto juvenil estimula a comunidade a estar cheia do espírito de Dom Bosco, diz o Reitor-Mor no discurso conclusivo do CG23 (Cf. CG23, 351). *Os jovens querem sentir, reconhecer e experimentar Dom Bosco*, pedem-no abertamente: é uma tarefa da qual nenhuma comunidade pode eximir-se ou escusar-se.

5. Clareza da missão salesiana

Na Igreja e na sociedade, a presença salesiana significa uma graça. Nem em todos os países o ambiente de hoje convida a uma

entrega a Cristo e à Igreja. Muitas Inspetorias tiveram de abandonar os “aspirantados”; para outras são ainda significativos. Há uma busca de modos novos de convivência: comunidade proposta. seminário em família, períodos mais ou menos longos de convivência em comunidade, etc.

As experiências tiveram resultados diversos, e se continua a procurar ardentemente. Em algumas Inspetorias a pastoral vocacional se concretiza num “escritório de informação e consulta” para chegar a um contato pessoal. Desse escritório partem mensagens por carta, telefone, por meio de *folderes*, com artigos e anúncios em jornais ou revistas, monogramas, literatura vária. Continuam sempre indispensáveis o contato pessoal, o acompanhamento e o discernimento.

A idade dos jovens vocacionáveis hoje é mais alta do que a de algum tempo atrás. Diz-se, porém, com clareza que a semente deve ser lançada na pré-adolescência (12-13 anos), para que possa depois florescer numa idade mais madura. Estamos talvez voltando ao olhar profundo do velho P. Calosso lançado sobre o menino Joãozinho Bosco?

Devemos perguntar-nos: qual é a mensagem que da obra salesiana atinge o território?

— Lance vencedor é decerto o relacionamento pessoal, o caminho feito juntamente (sem contratestemunhos por parte da comunidade).

— Os jovens são levados a experiências “de fronteira”: elas convidam à generosidade e à disponibilidade.

— O estilo de vida pobre e de doação gratuita, especialmente na atenção aos jovens mais necessitados e/ou em perigo provoca entusiasmo.

— Os jovens devem encontrar pessoas significativas, experiências vividas; conhecer pessoas-chave que integrem capacidade humana e religião.

— A própria obra deve ter um perfil transparente nas suas opções e realizações; um projeto vivido com clareza.

— A obra deve evidenciar com a sua missão a história da Congregação, a vocação pastoral e missionária dos Salesianos.

— A formação de jovens agentes e o convite feito para colaborar na nossa missão devem despertar capacidades educativas e pastorais que abrem novos horizontes de empenho.

Caminhar juntamente com o jovem, pondo em jogo toda a carga e a intensidade vocacional própria, em qualquer atividade ou iniciativa, é o caminho indicado a cada salesiano para dar dimensão vocacional ao projeto educativo-pastoral.

Caminhando junto, o salesiano acompanha o jovem em todo o desenvolvimento de grau e de movimentos, assiste-o no amadurecimento humano, social, espiritual e no empenho pessoal pelo bem

comum. Partindo do positivo do menino ou do jovem, cria o ambiente, abre a porta para que possa participar da força vocacional que o salesiano e a comunidade trazem em si.

Todo âmbito, todo setor da obra, toda pessoa, todo encargo respira ar vocacional, para todos os jovens e por parte de todos os Salesianos.

O projeto em nível local que “indica as modalidades de orientação para todos os jovens no descobrimento de sua vocação” (CG23, 252) e o encarregado em nível inspetorial servem não tanto para manter um contato com cada um dos vocacionáveis, como para manter vivo o entusiasmo e a coordenação dos irmãos, nas comunidades e nas obras.

A procura e a experimentação de novas formas estruturais continuam a encontrar fecundidade quando coordenadas pela pastoral juvenil e integradas no projeto educativo, dirigidas a todos os jovens, com itinerários graduais, sensíveis aos jovens mais disponíveis que demonstram sinais de vocação a uma especial consagração.

Conclusão orientadora

Resumindo, podem ser úteis alguns conselhos para os irmãos individualmente e para as comunidades, com o objetivo de fazer crescer a atenção às vocações e criar um ambiente fecundo.

O salesiano na comunidade que se interessa pelas vocações

— vive e testemunha a convicção de que a vocação é uma forma eminente para realizar plenamente as aspirações humanas,

— reza com os jovens, ensinando-os a rezar com a Bíblia,

— leva os jovens a uma amizade verdadeira e profunda (grupos, M.J.S., etc.),

— oferece e partilha experiências de serviço gratuito e continuado (voluntariado, etc.),

— apresenta “modelos” de vida de doação (os santos da Congregação, da Igreja),

— propõe a vida de fé com clareza e na sua exigência,

— concentra o projeto educativo-pastoral da comunidade na experiência de vida com os jovens.

Num clima de confiança se discerne e orienta o jovem, para fazer-lhe a proposta vocacional, quando pronto para acolhê-la, e se anima no caminho do crescimento vocacional.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reitor-Mor

Durante três dias passados em Santiago, Chile (15 — 17 de setembro), o Reitor-Mor encontrou-se com os irmãos, tomou parte em reuniões do Conselho Inspetorial e benzeu a no Casa Inspetorial e o terreno, situado na diocese de Rancagua, onde se erguerá o templo em honra da Beata Laura Vicuña. I. Participou também no centenário de “La Gratiud Nacional” e em encontros juvenis. O presidente da República, Patricio Alpino, ex-aluno nosso, convidou-o para um almoço no palácio “La Moneda” juntamente com o cardeal Raul Silva Henriquez.

O Equador acolheu-o de 18 a 24 de setembro. Os dias passados em Quito e arredores foram dedicados aos jovens em formação, a vários grupos de irmãos e da Família Salesiana, e também a um retiro de três dias pregado a 38 diretores. Aproveitou a ocasião para participar no 60º aniversário de sacerdócio de Dom Candido Rada, indo depois visitar o santuário mariano de El Guayco, que muito deve a este nosso benemérito Bispo.

De 25 de setembro a 9 de outubro esteve no Peru. Primei-

ramente em Lima, para o centenário da presença salesiana, assinalado por intensa participação das autoridades da Igreja e do Estado. Às comemorações, que distinguem habitualmente estas solenes ocasiões, acrescentou-se uma mensagem especial do Santo Padre, outra da Conferência Episcopal Peruana e diversas decorações concedidas por vários Municípios, pela Câmara dos Deputados, pela dos Senadores e pelo próprio Presidente da República. Depois, em Cieneguilla, proximidades de Lima, pregou os Exercícios Espirituais a 42 diretores provenientes do Peru, da Bolívia, do Chile e da Colômbia.

Voltando à Itália, dia 10 de outubro, fez conferências aos párocos salesianos reunidos em Roma (os da Itália do centro-sul) e em Como (Itália norte).

Dia 23 partiu, desta vez para o Oriente Médio, a fim de visitar os irmãos e as FMA no Líbano, na Síria e na Turquia. Foi depois à Terra Santa, onde também se festejavam solenemente os cem anos da chegada dos Salesianos. Em tal circunstância, o prefeito de Belém outorgou ao Reitor-Mor a cidadania honorária: significativa para os irmãos do Oriente Médio e para toda a

Congregação. Fez, ainda na Terra Santa, uma semana de Exercícios Espirituais juntamente com os membros do Conselho Geral.

A partir de 11 de novembro, novamente em Roma, retomou as atividades ordinárias, com um pulo até Verona (15-17) para as celebrações do centenário do Instituto Dom Bosco e da presença dos Salesianos em Verona. Dia 12 começaram as reuniões plenárias do Conselho Geral. De 28 de novembro a 14 de dezembro, participou do Sínodo especial dos Bispos para a Europa.

Em 7 e 8 de dezembro esteve em Turim para presidir, na igreja de S. Francisco de Assis, a solene Eucaristia em comemoração dos 150 anos do encontro de Dom Bosco com Bartolomeu Garelli.

4.2. Atividades dos Conselheiros

O Vigário do Reitor-Mor

O Vigário do Reitor-Mor, P. Juan E. Vecchi, tomou parte no curso trienal que a Conferência Inspeccional Ibérica organiza para os diretores e que desta vez se realizou em Avila, de 5 a 13 de agosto.

Em setembro participou nos dias de estudo da Inspeccional meridional, dedicados à direção espiritual dos jovens por parte dos Salesianos. Dias assim houve na Sicília em torno do significado e da atuação do "Projeto Leigos", que havia sido enviado às Inspeccionais. Foi confiada ao P. Vecchi

a incumbência de apresentá-lo e de orientar o dia de reflexão.

Em 8 de outubro partiu para a Região Atlântica da América Latina a fim de estudar com os Conselhos inspetoriais da Argentina, do Paraguai e do Uruguai, em cinco dias de reuniões, os critérios e procedimentos operativos para atingir maior significatividade da presença salesiana.

O mesmo tema foi tratado com os Inspectores e os Conselhos inspetoriais das seis Inspeccionais do Brasil, reunidos em Cachoeira do Campo, de 23 a 28 de outubro.

O estudo da situação das Inspeccionais já havia sido feito antes pelos respectivos Conselhos mediante respostas a um questionário enviado pelo Vigário e pelo Conselheiro Regional. Foram também avaliadas as experiências de redimensionamento e redistribuição já realizadas. A partir desses elementos, apresentaram-se perspectivas consideradas possíveis a breve ou médio prazo.

O Conselheiro para a Formação

O Conselheiro para a Formação dedicou estes meses principalmente à visita a algumas Inspeccionais da Região Pacífico-Caribe e da Região Atlântica; essas visitas prevêem encontros com os Conselhos inspetoriais, com as Comissões inspetoriais para a formação, com os formadores, com as comunidades da

formação inicial, com os organismos de colaboração interinspetorial e contatos com outros grupos da Família Salesiana.

De 16 a 31 de agosto, o Conselheiro visitou as duas Inspetorias da Colômbia, a de Bogotá e a de Medellín. Em Medellín tomou parte no "Seminário sobre o pré-noviciado", organizado pela Região Pacífico-Caribe para os responsáveis dessa etapa nas onze Inspetorias. A Região Pacífico-Caribe organiza anualmente pelo menos um seminário sobre a Formação.

De 18 de setembro a 25 de outubro, o Conselheiro visitou as Inspetorias do Extremo Oriente Asiático: China (Hong Kong e Macau), Coréia, Japão e Tailândia. Ficou por alguns dias com a comunidade do pós-noviciado em Jakarta (Indonésia) e manteve contato com a comunidade de Timor. De particular utilidade foi a semana passada no Vietnã.

A última etapa da viagem permitiu-lhe estar presente, juntamente com o Conselheiro Regional, no 2º Congresso dos Salesianos Coadjuutores do Extremo Oriente, realizado em Hua Hin (Tailândia) de 15 a 21 de outubro. Participaram nele mais de 60 irmãos coadjutores de 5 Inspetorias; estiveram presentes todos os Inspetores e alguns outros irmãos. Este encontro, pelo número e qualidade dos participantes e pelos objetivos que se propôs, manifesta com clareza o empenho das Inspetorias em relação à vocação e à formação dos salesianos coadjutores.

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

Passados os primeiros 10 dias de agosto com a família, o P. Van Looy foi à Polônia para participar nos dias do encontro do Papa com os jovens em Czestochowa. Dia 13 de agosto presidiu, juntamente com Madre Georgina McPake, o encontro da juventude salesiana na Polônia.

Foi depois à África, na Costa do Marfim, com o P. Odorico, de 22 a 28 de agosto, para um encontro dos países de língua francesa da África sobre o Sínodo africano e sobre a programação da pastoral juvenil.

Seguem-se alguns compromissos na Itália: em L'Aquila trata com os padres salesianos jovens do tema da direção espiritual para os jovens; em Auronzo, participa da Assembléia inspetorial da Vênetas Este, como também dos dias de encontro do Movimento Juvenil Salesiano; em Messina participa do dia de estudo sobre a pastoral vocacional.

Dia 7 de setembro parte para a América. De 7 a 10, participa do Congresso Latino-americano dos Ex-alunos, em Caracas; dirige-se, depois, à Inspetoria de New Rochelle, nos Estados Unidos. Em cinco diferentes cidades reúne SDB e FMA juntamente com membros da Família Salesiana para falar-lhes do projeto educativo pastoral e da comunidade educativo-pastoral.

Logo depois vai ao Brasil, para dois encontros sobre a elaboração de projetos pastorais, sobre os iti-

nerários da educação da fé e sobre a espiritualidade juvenil salesiana, respectivamente em Manaus (22-25 de setembro) e em Belo Horizonte (26-29 de setembro).

Na Inspeção da Califórnia (San Francisco), encontra-se durante dois dias com os diretores e com o Conselho inspetorial e reúne os irmãos da zona de San Francisco e depois de Los Angeles.

Passa sucessivamente à Bolívia, de 6 a 12 de outubro, para pregar os Exercícios Espirituais aos Inspectores da Região Pacífico-Caribe e para estudar o projeto educativo pastoral e os itinerários de fé com SDB e FMA das Inspeções da Bolívia. No caminho de volta a Roma, pára por um dia em Lima (Peru): encontrou-se com a equipe de pastoral daquela Inspeção. No Quênia, África, participa de um segundo encontro, este também sobre o Sínodo africano e sobre a programação pastoral, dedicado, desta vez, aos países de língua inglesa, sempre junto com o P. Odorico.

Em Roma, por dois dias (19-20 de outubro), reúne representantes dos países da Comunidade europeia para tratar a realidade das escolas profissionais. Propõe-se criar um organismo permanente de ligação entre institutos profissionais em nível de CEE.

Nos dias 21-22-23 de outubro, encontra-se pela segunda vez com os países Iugoslávia, Tchecoslováquia e Hungria. Desta vez o encontro realiza-se em Szombathely (Hungria), no Noviciado recém-inaugurado pelo Reitor-Mor, em setembro. Tema

do encontro é a identidade pastoral das comunidades das paróquias salesianas e o envolvimento dos leigos no nosso trabalho.

Em Roma, dias 25 e 26 de outubro, encontra-se, juntamente com Madre Georgina McPake, com os chefes de grupo da preparação do "Confronto '92", a fim de estudar os detalhes do Confronto. Funda-se nessa ocasião o Secretariado permanente do Confronto com sede no Sacro Cuore de Roma.

No fim de outubro (30 e 31), participa do encontro dos dirigentes pastorais das obras da Inspeção de Munique (Alemanha), sobre o tema da educação dos jovens na fé, e, em seguida, do encontro anual das Inspeções de língua alemã (SDB e FMA) sobre a espiritualidade juvenil salesiana. Juntamente com Madre Georgina McPake, pôde, nesse encontro, constatar o trabalho de aprofundamento feito pelos irmãos, pelas irmãs e pelos jovens dessas Inspeções respeito à espiritualidade juvenil.

De Munique vai diretamente para a Terra Santa para os Exercícios Espirituais do Conselho Geral.

O Conselheiro para a Família Salesiana e para a Comunicação Social

Visitas realizadas durante o período 2 de setembro — 30 de outubro.

Foram as seguintes as Inspeções visitadas, em ordem de

tempo: Inspetoria da Venezuela (4-9 de setembro), Uruguai (10-14 de setembro), Argentina-Rosario (14-21 de setembro), Bolívia (23-28 de setembro), Colômbia-Medellín (29 de setembro-4 de outubro), Peru (5-10 de outubro), Estados Unidos-New Rochelle (13-15 de outubro) Colômbia-Bogotá (18-23 de outubro), Chile ((23-30 de outubro).

Os encontros foram numerosos e vários. Reunindo as categorias das pessoas: os Inspetores; os Conselhos inspetoriais dos Salesianos de todas as Inspetorias visitadas, exceto uma; os delegados inspetoriais, às vezes também locais, Cooperadores, Ex-alunos, Voluntárias, Adma; os responsáveis pelo Boletim Salesiano, nas Inspetorias que têm a edição nacional; os encarregados inspetoriais da comunicação social; os grupos operativos de atividades de comunicação social, como editoras, rádio, livrarias, centros profissionais de orientação gráfica; numa Inspetoria, os diretores de comunidades reunidos para avaliar e preparar a programação do ano; em todas as Inspetorias com etapas de primeira formação salesiana, os jovens irmãos: noviços, pós-noviços, estudantes de teologia e tirocinantes; vários Conselhos Inspetoriais das Filhas de Maria Auxiliadora ou representantes deles; todos os Conselhos Inspetoriais da Associação dos Cooperadores Salesianos, embora nem sempre completos; numerosos grupos locais de Cooperadores Salesianos; alguns Conse-

lhos das Federações Nacionais ou Inspetoriais dos Ex-alunos; alguns grupos locais das Uniãos de Ex-alunos; grupos, numerosos ou pequenos, das Voluntárias de Dom Bosco em todas as Inspetorias; na Inspetoria de Santafé de Bogotá, O Conselho Geral das Irmãs dos Sagrados Corações, fundadas pelo P. Variara; as responsáveis locais das Oblatas Salesianas, fundadas por Dom Cognata, nos países em que têm algumas presenças; algumas comunidades das Irmãs da Caridade, japonesas; responsáveis e grupos da Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora, onde começa a nascer ou se apresenta já com vitalidade; o Diretório Central e numerosa representação da Associação das Damas Salesianas, na Inspetoria da Venezuela; representantes de outros grupos que estão nascendo com o trabalho de alguns irmãos e têm como inspiração educativa e espiritual a experiência de Dom Bosco.

Família Salesiana

O Conselheiro participou de dois acontecimentos significativos para a Família Salesiana.

1. Em Caracas (5-9 de setembro) realizou-se o VIII "Congrelat" (Congresso Latino-americano) dos Ex-alunos.

Achavam-se presentes representações de todos os Países Latino-americanos. Os dias foram

de intenso trabalho e de busca apaixonada sobre a presença e contribuição dos Ex-alunos no momento particular que a América Latina está vivendo, com o quinto centenário da primeira evangelização.

Viveu-se um momento interessante no Congresso, sinal de esperança e de futuro para a Confederação, quando, reunindo a grande representação juvenil de todos os Países, chegou-se à convergência de promover também na América Latina os congressos juvenis em preparação ao Congrelat. A positiva experiência européia serviu como mola para fortalecer, na confiança, esta iniciativa. A escolha não visa a carregar a Confederação de uma nova estrutura, mas a utilizar da melhor maneira as forças e as intuições dos jovens, para um conteúdo mais rico do Congrelat.

2. Em Lima (5-9 de outubro), coincidindo com o centenário da chegada da Família Salesiana ao Peru, realizou-se o 2º Congresso Nacional dos Cooperadores Salesianos.

O tema, "O Cooperador e a nova evangelização", empenhou a numerosa assembléia na busca do papel do Salesiano Cooperador num País que vive e sofre males que somente a presença de um laicato seriamente empenhado e disposto a responsabilizar-se pessoalmente pode ajudar a vencer.

Impressionante a presença juvenil, como número e como res-

ponsabilidade cristã e salesiana. Iniciou-se assim o segundo centenário: com os melhores votos de crescimento do carisma de Dom Bosco.

A atividade ordinária de visita do Conselheiro para a Família tinha um único ponto de animação e de avaliação: a perspectiva do "conjunto" nas Inspetorias.

Um juízo global não pode deixar de ser positivo. Muitíssimas pessoas se sentem envolvidas. Muitíssimas atividades são realizadas graças à atuação dos diferentes grupos da Família Salesiana. O nome e a experiência educativa e pastoral de Dom Bosco, a referência direta à sua pessoa e à sua atividade constituem o alimento pessoal e comunitário de toda a Família.

Cada grupo, de sua vez, prevê e organiza atividades particulares, como expressão da vitalidade e instrumento indispensável ao seu próprio crescimento.

As exemplificações poderiam ser várias. O campo da prevenção juvenil e da promoção humana e civil da classe popular, a organização de escolas, oratórios, centros de acolhida podem contar com a operosidade efetiva da Família.

Na questão de "conjunto" o caminho é longo e o crescimento possível é ilimitado. Assim o conhecimento mútuo entre os diferentes grupos, a abertura aos outros sem o medo de perder a própria autonomia, a experiência de colaboração e de coresponsabilidade apostólicas, a vontade de comunicar como se faz

em família, o partilhar o dom do carisma de Dom Bosco nas suas diversas manifestações, o viver generosamente o papel de animação da Família por parte dos Salesianos são aspectos que podem ser continuamente desenvolvidos como sinal de fidelidade a Dom Bosco.

Algumas recomendações feitas pelo Conselheiro a todos os grupos da Família podem ajudar uma realização mais profunda do “conjunto”.

A “espiritualidade salesiana” deverá tornar-se um tema de aprofundamento e partilha para todos os membros da Família.

O “Sistema Preventivo” de Dom Bosco, depois da carta de João Paulo II *Iuvenum Patris*, contém estímulos e orientações novas que se devem retomar como Família.

Os “elementos e linhas para um projeto leigos” preparado pelo Conselho Geral são uma ocasião muito propícia para caminhar “juntos” no caminho da renovação conciliar e de Família Salesiana.

Comunicação Social

O Conselheiro para a comunicação social pôde visitar editoras catequéticas, pastorais, culturais, escolares, populares; livrarias, pequenas, médias e grandes; estruturas destinadas a recolher a história da presença salesiana em territórios particulares (por exemplo “museus”); emissoras de rádio que prestam

serviços vários, conforme o lugar em que atuam, com raio de ação muito amplo ou limitado, mas não menos precioso e útil; alguns “repetidores de televisão” com presenças esporádicas no dia ou na semana.

Todos os Países visitados têm uma edição do Boletim Salesiano. Os Estados Unidos o estão relançando, num acordo entre as duas Inspetorias Salesianas e as das Filhas de Maria Auxiliadora após alguns anos de interrupção.

Todas as Inspetorias têm um Noticiário informativo, em cada uma delas com critérios próprios.

Um volume de presença e de atividade que não pode deixar de impressionar, sobretudo se tem em conta a pobreza dos instrumentos materiais de que se dispõe na generalidade dos casos.

As possibilidades que se abrem à comunidade salesiana no setor da comunicação social são muitas. Em alguns Países, de maneira explícita, a Igreja local pede a ação da Congregação. O exemplo mais evidente é o do Peru. Em outros, parece que se acha que somente a comunidade salesiana pode dar uma resposta adequada à urgência de estar presentes como Igreja no terreno da comunicação. O Uruguai, por exemplo.

Todos os encontros tiveram uma orientação comum: a perspectiva da “qualidade” no modo de organizar a comunicação social.

Recolhendo as orientações oferecidas nas diversas visitas do Conselheiro, nasce uma breve antologia da “qualidade”.

a. Agir habitualmente através de *grupos de responsáveis*.

A busca e o aprofundamento dos conteúdos mais úteis a serem comunicados, através dos diversos produtos, a “qualidade” em suma, necessita da pessoa de mais operadores.

b. Agir através de grupos de responsáveis *qualificados*.

Fundamentalmente são duas as operações a serem feitas:

— preparar irmãos para o setor, mediante estudos adequados às atividades que será preciso desenvolver, e

— oferecer a todos os irmãos em formação elementos suficientes para a compreensão do fenómeno da comunicação social, da sua incidência no campo da pastoral, da consonância com a vocação salesiana;

c. Cuidar de uma oportuna *organização*, com papéis e competências definidos.

Quando uma só pessoa deve desempenhar tarefas que exigem capacidades específicas é arriscar quanto ao resultado, é privar-se da possibilidade de trabalhar com “qualidade”.

d. Pensar numa *coordenação* de forças, de iniciativas, de pessoas, de setores no campo da comunicação.

Inspetorias que operam no mesmo território não podem ignorar-se.

Países que atuam na mesma área cultural devem procurar uniões.

A coordenação, a unidade, faz a força da mensagem que se quer oferecer.

O Conselheiro para as Missões Salesianas

As diferentes atividades do Conselheiro para as Missões durante este período referem-se principalmente a viagens de conhecimento, visitas de animação das missões nos diversos continentes, à coordenação do projeto Africa e a várias atividades próprias do caminho dos setores do dicastério.

Em agosto visitou pela primeira vez as diversas missões da Inspetoria de Bangalore (especialmente as presenças da futura nova Inspetoria no Andhra Pradesh, as obras de Bangalore e do Kerala com encontros de animação missionária). Em seguida visitou várias obras missionárias do Sul da Inspetoria de Madrastra e todas as obras do Sri Lanka. Nessa ilha constatou a peculiaridade da presença, as dificuldades ainda presentes devidas à guerra civil e também as possibilidades positivas de desenvolvimento vocacional.

Depois de breve período em Roma, foi à Costa do Marfim, a Abidjan (24-27 de agosto) para presidir um encontro dos Salesianos que trabalham em nações de língua francesa de toda a Africa e Madagáscar. Juntamente com as FMA estava presente uma centena de pessoas. O encontro foi depois completado por uma reunião semelhante em Nairobi (Quênia) de 15 a 18 de outubro para as nações de língua inglesa. Os temas de ambos os encontros eram: *Os Salesianos*

diante do Sínodo Africano; os Salesianos diante do Projeto Africa (avaliações e perspectivas). O dicastério já elaborou os respectivos dossiês (em francês e em inglês), que foram enviados às comunidades que trabalham na África e aos respectivos Inspectores.

A participação dos Salesianos na discussão do questionário sobre os "Lineamenta" do Sínodo Africano foi rica e peculiar. Foram dadas também sugestões sobre as diferentes temáticas, nascidas da sensibilidade própria do nosso carisma juvenil e popular. A síntese do material foi transmitida depois à Secretaria do Sínodo como contribuição da nossa Congregação à Igreja na África e em Madagáscar. Sobre o andamento do Projeto Africa houve substancial convergência sobre a amplitude do crescimento das presenças, do envolvimento de quase toda a Congregação, sobre o crescimento vocacional local e sobre a positiva situação estrutural das casas de formação. Foi também sublinhada a crescente convicção da urgência de resposta ao drama da juventude e à necessidade de mais incisivo traçado pastoral. A presença do P. Van Looy, Conselheiro para a Pastoral Juvenil, ajudou a reflexão pastoral. Olhando o futuro, sugere-se: maior qualidade e consolidação, novas fronteiras, e esforço de coordenação local, regional e internacional. Sobre estes encontros haverá uma comunicação nos Atos do Conselho Geral em 1992.

Do fim de agosto à metade de setembro, o P. Odorico fez breves visitas às missões da Inspeção de Guadalajara, no México (com particular atenção ao projeto de Tijuana, onde atua um grupo internacional de voluntários leigos), do México e da Guatemala (onde se deve destacar a realidade positiva de duas Congregações indígenas, masculina e feminina, inspiradas no carisma salesiano).

Na segunda metade de setembro visitou parte das missões do Zâmbia e do Zaire. Lamentavelmente, os acontecimentos políticos e sociais do Zaire não permitiram continuar a visita em Ruanda e Burundi.

Nos primeiros dias de outubro, o Conselheiro dirigiu a preparação temática e espiritual de cerca de vinte missionários que partiriam para as diversas partes do mundo, a que se seguiu a entrega do Crucifixo na Basílica de Maria Auxiliadora. Deve-se notar a presença dos primeiros missionários de partida para a Ucrânia (Odessa), para Gana (nova presença africana) e para a Albânia (FMA).

Depois do encontro de Nairobi, já lembrado, precedido de breve visita à sede do futuro noviciado e pós-noviciado para a África Oriental (em Moshi, Tanzânia), o P. Odorico foi à Ásia. Estava programada uma visita ao Camboja, passando por Tailândia, Hong Kong e Taiwan.

No Camboja verificou a urgência de uma presença salesiana, já iniciada, como resposta de todo necessária naquela nação

martirizada e aberta a uma nova reconstrução social e moral. Em Hong Kong fez uma reunião específica sobre o Projeto China: houve um intercâmbio bastante completo sobre a situação atual, quase de total bloqueio, e se estudaram possíveis passos a serem dados no futuro a breve e longo prazo.

Retornou a Roma dia 1º de novembro. Deve-se destacar outrossim a reunião de 1º de dezembro, no Colle Dons Bosco, sobre o andamento do Museu Missionário Salesiano, e a preparação do dossiê sobre o Dia missionário salesiano para 1992, que será publicado em cinco línguas e enviado proximamente.

O Ecônomo Geral

— Está na Polônia, de 31 de agosto a 6 de setembro, para encontrar-se, em Cracóvia, como os Ecônomos inspetoriais das quatro Inspetorias polonesas. Visita em seguida as construções em andamento em algumas obras das Inspetorias de Cracóvia, Wroclaw, Pila e Varsóvia.

— Acompanha o Reitor-Mor na Hungria, de 6 a 8 de setembro, e observa os primeiros trabalhos de reconstrução e restauração nos ambientes há pouco restituídos pelo Estado.

— Constata em Bratislávia (9 de setembro) os trabalhos de reestruturação do edifício de Mileticova, restituído em parte pelas autoridades civis, e congratula-se pelo andamento dos tra-

balhos. Ficará nesse edifício a sede inspetorial e o Centro catequético.

— Visita em Praga, em 10 de setembro, a instalação da tipografia editora o "Portal" e examina os projetos da obra em construção.

— Participa do encontro dos Ecônomos inspetoriais da CISI em Pella (Itália): 27-28 de setembro.

— Convoca, em Madri, os Ecônomos inspetoriais da Região Ibérica, visita algumas obras da Inspetoria de Madri e passa em quase todas as da Inspetoria de León (16-24 de outubro).

O Conselheiro para a América Latina

Região Atlântico

As atividades do P. Carlos Techera durante o segundo semestre de 1991 na Região do Atlântico foram principalmente as seguintes.

Esteve primeiramente em Manaus, Brasil, a fim de fazer a consulta para a nomeação do novo Inspetor daquela Inspetoria.

Terminados os encontros na Inspetoria de Manaus, começou a visita extraordinária à Inspetoria S. Luís Gonzaga, de Recife, no Nordeste do Brasil. A visita foi brevemente interrompida para participar do Congresso Latino-americano dos Ex-alunos de Dom Bosco, realizado em Caracas.

Encerrada a visita extraordinária com a reunião dos Direto-

res e Párocos e do Conselho inspetorial, e depois de haver participado da abertura do Congresso Eucarístico Nacional celebrado em Natal (RN), foi para o Paraguai. Na casa de retiros de Ypacaraí, participou da reunião de todos os Conselhos inspetoriais da Conferência do Prata que, juntamente com o P. Vecchi, refletiram sobre algumas linhas de empenho do último CG23: conseguir verdadeira "significatividade" para cada uma das nossas presenças nas diversas Inspetorias. O mesmo tema foi depois objeto de estudo e discernimento em Cachoeira do Campo, com todos os Inspetores e respectivos Conselhos do Brasil.

Estas duas reuniões foram julgadas muito importantes para promover nas Inspetorias tanto a formação permanente dos irmãos como o empenho em alcançar nova qualidade pastoral e maior fecundidade vocacional.

Terminadas essas reuniões, o Regional regressou a Roma para os Exercícios Espirituais e para o início da sessão invernal do Conselho.

O Conselheiro para a América Latina

Região Pacífico-Caribe

O Conselheiro para o Pacífico-Caribe, P. Guillermo García, começou a visita pela Região em Guiné-Conakry. Os cinco Salesianos que aí trabalham estão empenhados principalmente em ani-

mar e consolidar o "Centro de formação Dom Bosco", que tem alunos internos e externos, em Dabadougou, no trabalho pastoral na paróquia de Siguiri-Saint Alexis e no centro de imprensa em Conakry. Decisiva foi a presença de cinco leigos: três do México, um do Equador e um de Bogotá.

No México, o Regional encontrou-se com os Inspetores de Guadalajara e de México, trocando pontos de vista em relação à missão na Guiné, à abertura de novas obras, etc.

No Haiti, o P. Garcia conseguiu reunir-se em assembléia com os irmãos e com o Conselho da delegação a fim de comunicar a ereção da nova Visitadoria, programada para o dia 31 de janeiro de 1992, e encaminhou-se a consulta para a nomeação do primeiro Superior.

Na Guatemala visitou os centros missionários confiados aos Salesianos em Alta Verapaz. É deveras admirável o modo com que os irmãos enfrentam com coragem e eficácia evangélica os desafios da inculturação e da inserção entre os Kechis, sem ideologizações e com grande fecundidade carismática, evidenciada nas incipientes Congregações religiosas indígenas: os "Missionários de Dom Bosco" e as "Irmãs da Ressurreição".

No estudantado da cidade de Guatemala esteve com os estudantes do Peru, falando-lhes da visita feita à Inspetoria peruana.

Em San Salvador visitou o "campus" da Universidade Dom Bosco e do "Instituto Ricaldone",

procurando uma possível sede para o centro regional para a formação dos salesianos coadjutores jovens. Visitou depois rapidamente as nossas obras no Panamá, a “cidade Dom Bosco”, isto é, a paróquia e a escola intituladas com o nome do nosso Fundador. Veio a saber do pedido de fundação de uma obra salesiana na zona missionária da floresta de Darien.

Foi depois à Inspeção de Medellín, a fim de participar juntamente com o P. José Nicolussi no encontro dos encarregados dos pré-noviciados na Região. Em Medellín pôde verificar os progressos do Colégio Domingos Savio, que os Salesianos mantêm juntamente com os Ex-alunos num dos covis do “sicariato” da zona meridional da cidade.

Visitou depois, numa semana, as obras dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora na missão do Ariari, na Inspeção de Bogotá, recebido fraternalmente por D. Héctor López, Delegado Pontifício para a CLAR, e por todos os irmãos que cuidam de diversas obras naquele território “llanero”, quente e valoroso.

De Santa Fé de Bogotá foi depois a Caracas, Venezuela, para participar juntamente com o P. Antonio Martinelli, o P. Luc Van Looy e o P. Carlos Techera no VIII Congresso Latino-americano dos Ex-alunos de Dom Bosco. Fez também rápida visita às Damas Salesianas.

Foi depois a Quito, onde permaneceu três dias. Encontrou-se

aí com o novo Inspetor e seu Conselho: também com os irmãos do “Instituto Superior” e os do Centro Regional de Formação Permanente. Pôde ver os trabalhos de reestruturação da sede deste Centro. Foi depois até Cayambe, significativa obra salesiana para a promoção dos indígenas e sede dos trabalhadores gráficos da Editora ABYA-YALA.

Na Inspeção do Chile, além de nossas obras no Sul, visitou as de La Serena, Valdivia, Concepción e Iquique.

Junto com o Reitor-Mor, P. Egídio Viganó, e com Madre Rosalba Perotti, Vigária Geral do Instituto das FMA, participou nas celebrações do Centenário da presença salesiano no Peru.

Sucessivamente, o Regional foi a Santa Cruz, Bolívia, para visitar o aspirantado dos coadjutores e as obras da zona até Sagrado Corazón. Dirigiu-se depois à região dos camponeses e minadores, a Independencia a Kami, para conhecer as obras animadas pelos Salesianos. Encerrou assim o seu percurso pela Inspeção, acompanhado, na antiga e culta capital, Sucre, pelo Inspetor P. Carlo Longo.

Em Cochabamba foram realizados os exercícios espirituais e a reunião dos Inspetores da Região. Os dias de retiro foram animados pelo P. Luc Van Looy; a reunião, pelo P. Sergio Cuevas. Entre as decisões tomadas no encontro dos Inspetores, duas devem ser assinaladas de modo especial:

1. A aprovação da abertura, em janeiro de 1993, do centro regional para a formação dos coadjutores pós-tirocinantes, em San Salvador.

2. A aprovação de um projeto regional de solidariedade: todas as Inspetorias da Região se empenham em colocar à disposição, cada três anos, pelo menos um irmão para ajudar a Guiné, o Centro regional para os pós-tirocinantes coadjutores, Cuba, a Visitadoria de Haiti e eventualmente alguma obra salesiana para os que falam espanhol nos EE. UU.

Acontecimento de particular relevo na Região foi o "Seminário-Taller" para decidir os "itinerários de fé" pedidos pelo CG23 a todas as Inspetorias. Para tal fim, encontraram-se em Santiago (Chile) 50 irmãos das onze Inspetorias e quase todos os Inspetores da Região.

A viagem do P. Garcia encerrou-se em Cuba, onde chegou três dias após o IV Congresso do Partido Comunista Cubano. Vive-se no país a que se definiu "etapa especial em tempo de paz", que quase isolou a nação. As dificuldades de transporte impediram o Regional de ir a Santa Clara. Pôde visitar somente as nossas obras de La Habana e de Santiago, onde se encontra o Santuário de "Nuestra Señora de la Caridad", padroeira da nação. Os irmãos de Cuba estão muito contentes com a chegada do P. Rodolfo Godínez, da Inspetoria MEG, recém-ordenado. E assim Guadalajara oferece às Inspet-

rias um exemplo para levar a termo o projeto de solidariedade, aprovado na reunião dos Inspetores. Três outros irmãos estão aguardando a licença dos próprios Inspetores e o visto das autoridades de Cuba para irem ajudar nossos irmãos.

O Conselheiro para a Região de Língua Inglesa

Durante os meses de agosto, setembro e outubro, o Conselheiro para a Região de Língua Inglesa passou por todas as Inspetorias da Região, com exceção da África Meridional, dedicando, porém, a maior parte do seu tempo à visita extraordinária na Visitadoria do Canadá do Leste.

Começou sua visita na Austrália, passando pelas casas em torno de Melbourne e Sydney, com o intervalo de pequena estada na Tasmânia. Teve a alegria de benzer a renovada e ampliada residência inspetorial em Okleigh, a nova capela comunitária em Engadine e os quartos reformados em Sunbury. Encontrou-se com grupos de Cooperadores e observou com satisfação o trabalho de conjunto de todos os ramos da Família Salesiana para sustentar os valores da família cristã no país.

Ficou particularmente impressionado com o trabalho de transformação realizado por três salesianos em favor da Igreja particular em Bairndale, restituindo a característica católica a uma escola que havia perdido

quase tudo do catolicismo, salvo o nome. Belo testemunho não somente da capacidade dos três salesianos, mas da eficácia peregrina do nosso sistema educativo.

Sempre na mesma Inspetoria, o P. McPake visitou as ilhas de Samoa, onde pregou um turno de exercícios espirituais ao clero diocesano e passou alguns dias com os Salesianos. Quase contemporânea à sua visita foi a de três representantes da "Misereor" alemã, que não titubearam em definir a nossa escola como a melhor da Região do Pacífico Sul. Referiam-se não tanto aos edifícios, ainda que bem instalados, quanto à ação educativa. Era uma nova prova da eficácia e da modernidade do sistema salesiano, e evidentemente da capacidade dos nossos irmãos.

Da Austrália o Conselheiro partiu para os Estados Unidos, onde as duas Inspetorias estavam para começar o ano escolar. Dadas as circunstâncias, não lhe foi possível ver as diversas obras em funcionamento, devendo-se contentar com rápidas visitas às comunidades. Porém na Califórnia o Regional pôde participar de uma reunião do Conselho inspetorial e dos diretores, assistir à tomada de posse do novo Inspetor e ver a importância que começa a assumir na Inspetoria o trabalho do Oratório e dos Clubes em Watsonville e em Los Angeles.

Na Inspetoria de New Rochelle permaneceu sobretudo na casa inspetorial, fazendo todavia breves visitas a algumas comunida-

des, em South Orange, em Goshen, em West Haverstraw e em North Haledon (casa das FMA). Participou também de uma breve reunião do Conselho inspetorial.

A visita extraordinária à Visitadoria do Canadá do Leste durou seis semanas, incluindo-se uma visita, no Canadá do Oeste, às duas comunidades de Edmonton e de Vancouver, que pertencem à Inspetoria de San Francisco.

Na viagem de volta a Roma, o Conselheiro passou pela Irlanda e pela Grã-Bretanha, a fim de visitar as comunidades de formação na Irlanda, e fazer a consulta para a nomeação do Inspetor na Grã-Bretanha.

O Conselheiro Regional para a Ásia

O Conselheiro Regional para a Ásia partiu de Roma dia 24 de julho, dirigindo-se à Visitadoria da África do Leste, onde fez uma rápida visita às comunidades de Nairobi e às de Makuyu e Embu, dependentes da Inspetoria Central. Pôde constatar os progressos realizados na construção do noviciado e pós-noviciado em Moshi, Tanzânia.

Dia 1º de agosto, depois de breve estada em Bombaim, o P. Panazhezam chegou a Madrasta a fim de participar num seminário de três dias sobre o tema "Human face of Clergy", no qual tomaram parte todos os Inspetores da Índia com seus Conselhos.

O seminário destacou três áreas de particular importância: uma mais cuidadosa seleção dos candidatos à vida salesiana, o cuidado da formação, a convivência comunitária e o cuidado da saúde mental dos salesianos.

Em seguida, sempre em Madrastra, de 5 a 7 de agosto, realizou-se a Conferência dos Inspectores salesianos da Índia. Entre os temas desenvolvidos podem-se lembrar em particular os seguintes: um relatório sobre a educação dos jovens não-cristãos na fé, preparado pelo Conselho nacional indiano para os jovens; um programa de planificação da formação dos coadjutores depois do tirocínio; a preparação do congresso para os coadjutores professos perpétuos, que se desenvolverá em outubro de 1992; e o problema da formação permanente.

Depois dos trabalhos da Conferência inspetorial indiana, o Regional partiu para as Filipinas, para fazer a visita extraordinária, de 10 de agosto a 18 de outubro. A Inspeção das Filipinas tem 350 irmãos. É uma Inspeção que está a crescer, com 160 jovens salesianos em formação. Os irmãos desempenham um trabalho sacrificado e generoso, com grande zelo. Nas recentes calamidades naturais que atingiram o país (o terremoto, a erupção do Pinatubo e os tufões de extraordinária intensidade) procuraram fazer todo o possível para ajudar o povo necessitado de tudo.

Durante a visita às Filipinas, o Regional presidiu uma reunião

dos Inspectores do Extremo Oriente em "Crystal Springs", Laguna (14 — 16 de setembro). Os Inspectores refletiram, entre outras coisas, sobre os próximos Capítulos inspetoriais, sobre a educação da fé dos jovens não-cristãos e sobre a formação permanente (com base nos resultados do encontro dos encarregados da formação permanente havido em Roma).

Terminada a visita extraordinária, dia 19 de outubro o P. Panakezham partiu para a Tailândia, a fim de tomar parte no Congresso dos salesianos coadjutores do Extremo Oriente (15 — 21 de outubro), presidido pelo Conselheiro para a Formação, P. José Nicolussi. Esteve presente também o P. Luciano Odorico, Conselheiro para as Missões.

Após breve visita a algumas comunidades e participar da reunião da Comissão da formação e do Conselho inspetorial, o Regional regressou a Roma, onde chegou dia 26 de outubro.

O Regional para a Europa e a África Centrais

Foram três — na opinião do Conselheiro Regional para a Europa Central e a África Central — os tempos marcantes e significativos do período de verão e outono.

1. A participação no curso de formação permanente em língua francesa, de 18 de julho a 10 de agosto. Nele tomaram parte cerca de trinta irmãos, guiados por

eminentes especialistas da vida religiosa e do patrimônio salesiano: Xavier Thévenot, Jacques Schepens e Yves Le Carrères.

2. A visita canônica extraordinária à Inspetoria da Holanda, da metade de setembro à metade de outubro.

3. A conferência interinspetorial de língua alemã; de 7 a 11 de novembro, que realizou seus trabalhos na nova casa inspetorial de Ljubljana (Eslovênia). Pôde participar do encontro também o Inspetor de Zagreb (Croácia), mal saído da cadeia de Knin, onde os Sérvios o mantiveram preso juntamente com outro irmão por mais de um mês.

Além dessas atividades, podem-se mencionar os entendimentos com organizações internacionais (como a Cruz Vermelha, por exemplo) e os vários e repetidos contactos com as Inspetorias da Boêmia-Moravia, Eslováquia e Eslovênia: contactos facilitados pelo proveitoso interesse da Inspetoria de Viena.

O Conselheiro Regional para a Itália e o Oriente Médio

Dia 27 de agosto, em San Tarcisio, o P. Fedrigotti esteve no curso de preparação para a profissão perpétua, desenvolvendo o tema da Espiritualidade Juvenil Salesiana. No mesmo dia, no Santuário do Divino Amore, presidiu a missa de encerramento do encontro nacional de "Primavera", organizado pelas FMA.

Em 31 de agosto, sábado, participou do encontro de formação permanente dos sacerdotes salesianos do "quinquênio".

Dia 1º de setembro, domingo, esteve em San Giovanni Ilarione (Verona), para a inauguração solene do monumento a Dom Bosco, iniciativa da Associação dos Ex-alunos.

Dia 8 de setembro, domingo, recebeu, na basílica de Maria Auxiliadora, as profissões dos 24 noviços de Pinerolo e acolheu os seus 24 sucessores.

De 11 a 21 de setembro, esteve no Quênia, para completar a visita extraordinária à Inspetoria Central, tomando contacto com suas florescentes missões no Quênia (Embu, Makuy, Siakago, Thiba). Em Nairobi encontrou-se (em particular e comunitariamente) com todos os irmãos do Pós-noviciado.

De 21 de setembro a 2 de outubro, visitou as obras salesianas da Etiópia. A cessação das hostilidades torna finalmente possível entrar em contacto com todas as obras salesianas, as do Norte (Adis Abeba, Adigrat, Makallé) confiadas à Inspetoria do Oriente Médio, e as do Sul (Adis Abeba, Dilla, Zway) mantidas pela Inspetoria Lombardo-emiliana. A recuperação da liberdade e o novo clima político-social, a entrada de vocações fiéis e motivadas, as novas fronteiras (como a casa de Adua, em projeto), o empenho infatigável e corajoso dos Salesianos e das FMA, o início de um caminho de convergência para a

unidade são fontes de grande esperança.

Dia 7 de outubro começou a visita extraordinária à Inspetoria Adriática, encontrando-se com o Conselho inspetorial e com os diretores.

De 14 a 18 de outubro em Roma, e de 21 a 24 de outubro em Como, deu-se a reunião nacional de atualização dos párocos salesianos. O Regional participou em alguns dias dos dois encontros e encerrou os trabalhos.

Dia 24 de outubro, quinta-feira, esteve em Schio, para o começo das celebrações ligadas ao 90º aniversário da obra.

Depois dos Exercícios Espirituais na Terra Santa, em 15 — 16 de novembro esteve em Turim, como membro da “Comissão Piemonte” instituída pelo Conselho Geral, para discutir com os três Conselhos inspetoriais piemonteses como projetar o futuro da nossa presença nesse território.

Dia 17 de novembro, domingo, esteve em Verona-Don Bosco, juntamente com o Reitor-mor, para o centenário da obra.

De 20 a 23 de novembro, participou no encontro da CEI sobre a escola e, no encerramento, na praça de São Pedro, fez uma saudação ao Santo Padre, em nome de religiosas e religiosos que trabalham na escola.

De 23 a 25 participou da Assembléia nacional da CISI sobre “Marginalização e Desconforto”, fazendo a relação de abertura e de encerramento.

De 29 de novembro a 1º encontra-se em Zafferana com a Famí-

lia Salesiana Sícula, desenvolvendo para ela o tema “Família Salesiana e Nova Evangelização”, em comunhão profunda com a simultânea celebração do Sínodo sobre a Europa.

O Conselheiro Regional para Portugal e Espanha

O Conselheiro Regional para Portugal e Espanha, P. Antonio Rodríguez Tallón, dedicou o período de agosto-outubro de 1991 a visitas e encontros em diversas Inspetorias da Região, para acompanhar irmãos e comunidades na sua vida e missão.

De 26 de julho a 4 de agosto visitou o Colégio Dom Bosco de Macau, obra da Inspetoria de Portugal, que não tinha podido visitar durante a visita extraordinária. Além do encontro com os irmãos e a comunidade, o P. Rodríguez examinou de perto as modalidades concretas para realizar a passagem da comunidade e da obra à Inspetoria de Hong Kong, passagem que os dois Inspetores estão a estudar, de acordo com o Reitor-Mor e o seu Conselho.

De volta à Itália, participou do “Campobosco Nazionale”, que as Inspetorias da Espanha organizaram em Turim, como última etapa das visitas feitas aos lugares das origens salesianas: 630 os participantes.

Esteve, depois, no curso para os Diretores, em Avila. O curso teve também a presença e a participação do Vigário do Reitor-Mor.

Em seguida, de 9 a 23 de agosto, esteve em Moçambique, com o objetivo de acompanhar o Reitor-Mor na sua primeira visita à Delegação do Moçambique e de acompanhar — depois da visita extraordinária — a evolução das comunidades e dos empenhos a serem assumidos neste “momento novo”.

Sempre na África, participou do encontro para a coordenação do Projeto Africa, organizado pelo Conselheiro para as Missões, em Abidjan, Costa do Marfim (25-26 de agosto) e visitou as presenças da Costa do Marfim e do Mali (27 de agosto — 13 de setembro), tendo em vista também a visita extraordinária que se dará em 1992.

Na Espanha, encontrou-se, dia 14 de setembro, com os Delegados inspetoriais para a formação; visitou sucessivamente casas e irmãos nas Inspetorias de Sevilha (1 — 6 de outubro) e Portugal (7 — 13 de outubro).

Dia 16 de outubro, o Regional reuniu-se com a Permanente da Conferência Ibérica e com a Comissão de Comunicação Social Espanhola (CSSE), que estuda as possibilidades de desenvolver na Região a presença salesiana no campo da comunicação social.

Segue-se, em 17 de outubro, a participação num dia de trabalho dos encontros dos Ecônomos inspetoriais com o Ecônomo geral, P. Omero Paron; e, em 21 de outubro, a reunião da “Junta de Gobierno” da Central Catequética Salesiana de Madri.

Nos dias 23 — 24 de outubro, por fim, o P. Rodríguez preside os trabalhos da XXXIV sessão da Conferência Ibérica. Entre os temas da ordem do dia estavam os seguintes: reflexões sobre a idade média dos Salesianos na Região; aprovação do plano de atividades interinspetoriais para apoiar as disposições do CG23 na Região; reflexão sobre os Exercícios Espirituais, a fim de aprofundar sua contribuição para a formação permanente dos irmãos e das comunidades; primeiras conversações sobre a “visita de conjunto”; conteúdos e possível estrutura de uma coordenação das presenças na África dependentes das Inspetorias da Espanha.

O Delegado do Reitor-Mor para a Polônia

O Delegado do Reitor-Mor para a Polônia, P. Augustyn Dziel, esteve na Polónia de 29 de julho a 14 de setembro.

Neste período de tempo tomou parte na reunião da Presidência da Conferência das Inspetorias da Polónia (CISP), realizada em Rumia, e fez diversas visitas de animação, especialmente às comunidades formadoras.

Presidiu várias funções: em Sroda Slaska, a profissão perpétua da FMA da Inspetoria de Wroclaw; em Rumia, a profissão perpétua de 59 irmãos das quatro Inspetorias salesianas; em Olcza, o encerramento dos exercícios espirituais das VDB e o

início da reunião dos responsáveis locais das VDB da Polônia e da Rússia. Em Wroclaw assistiu à tomada de posse da Inspetora naquela Inspetoria das FMA. Em Lad participou do curso dos novos diretores das quatro Inspetorias da Polônia. Em Cracóvia tomou parte na reunião dos Econômos inspetoriais, presidido pelo P. Omero Paron, a quem depois acompanhou nas visitas às comunidades formadoras e a algumas obras salesianas.

Durante a visita do Papa João Paulo II à Polônia, participou do encontro da juventude salesiana de muitas nações, organizado em 13 de agosto na paróquia salesiana do Sagrado Coração de Czestochowa, presentes o P. Luc Van Looy e Me. Georgina McPake; tomou parte na celebração do VI Dia Mundial da juventude no Santuário mariano de Jasna Góra em Czestochowa.

De 14 de setembro a 19 de outubro, o P. Dzielziel esteve na URSS. Em cinco semanas visitou os irmãos, animou dias de retiro e teve encontros com grupos da Família Salesiana. Algumas indicações:

— Na *Bielo-Rússia* visitou as sete presenças paroquiais com 12 irmãos, e também a primeira comunidade de três FMA na Bielo-Rússia (Smorgon), vindas da Polônia (Varsóvia).

— Na *Rússia* visitou a paróquia da Imaculada, confiada aos Salesianos em Moscou, onde trabalham dois irmãos, um dos quais empenhado também no ensino

da religião num Centro Juvenil e numa escola profissional estatal.

Pôde encontrar-se com D. Tadeusz Kondrusiewicz, Arcebispo de Moscou e Administrador da Rússia européia, com o qual falou do projeto da Inspetoria italiana Veneta Leste para a possível fundação de uma escola gráfica (em S. Petersburgo ou em Moscou), como também das propostas de trabalho das FMA na paróquia salesiana em Moscou. Sabemos agora que três FMA da Polônia (Wroclaw) chegaram a Moscou em 29 de novembro de 1991.

— Na *Geórgia* esteve nas duas presenças paroquiais entre os armenos, com muitos centros, nos quais trabalham dois irmãos.

— Na *Ucrânia* esteve com as duas presenças salesianas de rito latino, com seis irmãos e dois noviços. Visitou também a primeira presença salesiana de rito bizantino-ucraniano na Ucrânia (em Leópolis), que tem inicialmente um irmão.

— Na *Lituânia*, onde há sete presenças paroquiais com 11 irmãos e uma presença das FMA com 8 irmãs e 2 noviças, reuniu os representantes da Família Salesiana. Animou, além disso, o retiro mensal das VDB na URSS.

— Na *Letônia* visitou o Seminário diocesano de Riga, encontrando aí 4 irmãos estudantes.

De volta da viagem à URSS, encontrou-se, na Polônia, com os outros irmãos em formação da URSS (5 estudantes e 4 noviços).

Nos outros dez dias de permanência na Polónia (de 19 a 29 de outubro), o Delegado presidiu o

Encontro nacional dos Diretores das quatro Inspetorias polonesas, em Lutomiersk, e aí convocou a Presidência da CISP, juntamente com as duas Inspetorias

FMA, a fim de estudar os problemas mais urgentes e um programa de colaboração.

Dia 29 de outubro regressou a Roma.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 Os jovens e a nova educação

Alocução do Reitor-Mor ao
Sínodo Europeu

Na qualidade de membro eleito entre os Superiores Gerais, o Reitor-Mor tomou parte no Sínodo especial dos Bispos da Europa, convocado pelo Santo Padre, no Vaticano, de 28 de novembro a 14 de dezembro de 1991. A alocução que pronunciou no plenário toca à nossa missão entre os jovens.

Refiro-me ao n. 12 do Sumário (e também aos n. 16 e 22, que aludem ao argumento). Falarei da educação dos jovens, especialmente do ponto de vista do serviço dos Religiosos/as: a eles refere-se o mesmo número.

A educação é um empenho cultural e pastoral que exige inseparabilidade entre promoção humana e formação cristã: uma difícil síntese de unidade, muito necessária na idade evolutiva.

A Igreja, na sua responsabilidade materna pela fé, acompanha os pais — aos quais compete “fundamental e prioritariamente” a ação educativa (LC 94) — com a contribuição de muitos carismas recebidos do Espírito do Senhor. Entre eles, não poucos Institutos Religiosos.

Ora, no intercâmbio dos dons para o futuro da Europa, quere-

ria chamar a atenção sobre um dúplice tema:

— sobre os Institutos religiosos de vida apostólica

— e sobre a nova educação dos jovens na Europa.

1. Pensando nos três grandes padroeiros da Europa — que eram religiosos — acentuo a importância da presença da vida religiosa no continente; os colegas aqui presentes procuraram desenvolver brevemente este tema numa contribuição por escrito. Julgo necessário, a propósito, retomar e aprofundar, de acordo com atenta eclesiologia conciliar, o documento “Mutuae Relationes”, especialmente em relação ao Leste, com acurado conhecimento das Igrejas orientais e dos seus vários ritos. O tecido da vida eclesial vai redefinindo o papel das mediações paroquiais e carismáticas em mútua coordenação complementar: não só trabalhos “pastorais” em proveito dos fiéis, mas também atividades “missionárias” com os não-crentes; há nesses povos muitos areópagos por evangelizar.

Isto implica a necessidade de considerar diferentes empenhos apostólicos, que se não podem enquadrar tão-somente numa organização paroquial.

2. Um vasto setor que se há de considerar, do ponto de vista dos areópagos que devem ser evangelizados, é a educação dos

jovens. A nova evangelização exige também para eles uma nova educação.

Não basta, neste campo, uma visão pastoral. Exige-se ainda competência pedagógica atualizada para adequação à cultura emergente que é hoje dinamizada pelos sinais dos tempos.

Essa cultura acha-se em estado de crescimento, após o colapso da várias ideologias. Os jovens andam à procura, desejam aprender a ser cidadãos livres e responsáveis.

Que homem, para qual Europa? Pergunta assaz complexa. Por outra parte, a educação cristã refoge do proselitismo. Dedica-se, antes, a introduzir o fermento do Evangelho no crescimento evolutivo do jovem.

Com o tipo do "homo sovieticus" e do "homo occidentalis" tentou-se substituir o Cristianismo por ideologias seculares, por meio de múltiplas correntes de pensamento. No Ocidente observa-se ainda um humanismo racionalista, no qual o relativismo seria elevado à condição de filosofia da democracia.

De aí, uma complexa patologia da pessoa e da sociedade, que deve ser tratada com a integralidade da antropologia cristã.

É urgente redescobrir o projeto fundamental de Deus "criador", o valor histórico do evento de Cristo "libertador", e o poder transformador do Espírito Santo "renovador".

Uma nova "visão teológica da criação" faz redescobrir o verdadeiro sentido da "laicidade" e

dos valores culturais do homem. Um "visão cristológica renovada" propõe hoje uma genuína "teologia da libertação" adaptada à atual situação européia segundo o "kairós" do Vaticano II. E uma "visão pneumatológica da esperança" ilumina mediante uma crítica construtiva a situação escatológica de toda cultura necessitada de retificação.

Vem de aí a importância da vocação e missão dos leigos, e, pois, a urgência de uma nova educação dos jovens.

A novidade dessa educação deve considerar com concretude que a perspectiva cultural da Europa de amanhã é certamente a de uma consciência humanista em relação a um contexto multicultural, multi-racial, multi-religioso. Há, por sem dúvida, uma herança cristã, mas urge repensar toda a sua dinâmica de fermento. Uma nova evangelização que saiba animar a nova educação deverá ser simultaneamente memória de preciosa herança mas também profecia e projeto criativo de uma mensagem evangélica original e atual: tarefa exigente para uma época histórica inédita.

Pois bem: na experiência limitada da minha Congregação, devo dizer que existem a propósito, no Oeste e no Leste, duas graves dificuldades de sentido contrário, que se tornam redutivas no trabalho educativo: *no Ocidente* a dificuldade consiste em trabalhar para dar uma dimensão verdadeiramente evangelizadora aos empenhos

culturais de promoção humana: *no Leste*, ao invés, a dificuldade consiste em saber dar uma dimensão cultural e social à catequese e às outras atividades pastorais.

A nova evangelização exige que na educação dos jovens se saiba garantir uma síntese entre “evangelizar” e “educar”. Não é coisa fácil, mas aí é que começa a superação do famoso divórcio entre evangelho e cultura.

Por isso, é importante garantir um espaço de maior consideração à vida religiosa, em geral, e, nela, aos carismas suscitados pelo Espírito como portadores daquela “graça de unidade”, interior e metodológica, que habilita para “educar evangelizando”.

Eis aí um tema que exige deusas um intercâmbio de dons.

5.2 Visitadoria Salesiana do Haiti

Prot. n. 001/92

O REITOR-MOR

da Sociedade Salesiana de São João Bosco

— considerada atentamente a situação da Obra Salesiana na República do Haiti,

— vistos os artigos 156 e 158 das Constituições,

— obtido o consentimento do Conselho Geral na reunião ordinária de 16 de julho de 1991, na forma dos artigos 132 e 156 das Constituições,

DECRETA

1. É abolida a Delegação inspetorial para as Casas Salesianas do Haiti pertencentes à Inspetoria “São João Bosco” das Antilhas, com sede em São Domingos.

2. É erigida a VISITADORIA “BEATO FILIPE RINALDI” com sede em Port-au-Prince — Thorland, constituída pelas Casas indicadas no n. 1, e precisamente das Casas seguintes:

— CAP-HAITIEN “Maria Auxiliadora”

— CROIX DES MISSIONS “Santa Cruz”

— PETION-VILLE “São Domingos Savio”

— PORT-AU-PRINCE (ENAM) “São João Bosco”

— PORT-AU-PRINCE “São José”

— PORT-AU-PRINCE — THORLAND “São João Bosco”

e ainda pela presença salesiana em LES CAYES.

3. A esta Visitadoria “B. Filipe Rinaldi” pertencerão os irmãos atualmente destinados às Casas da Delegação indicadas no n. 1, bem como os irmãos em formação provenientes da Delegação.

4. O presente Decreto entrará em vigor dia 31 de janeiro de 1992, solenidade de São João Bosco, Fundador da nossa Sociedade.

Roma, 2 de janeiro de 1992.

P. Egidio VIGANÓ

Reitor-Mor

P. Francesco MARACCANI

Secretário geral.

5.3 Publicações do Instituto Histórico Salesiano

O Instituto Histórico Salesiano, desejado pelo Reitor-Mor e seu Conselho para incrementar os estudos históricos sobre Dom Bosco e sobre a Congregação Salesiana, completa dez anos. Neste decênio são numerosos os estudos realizados com grande e cuidadosa preocupação histórica, e editados na revista "Ricerche Storiche Salesiane" ou em publicações especiais.

Neste ano, o Instituto Histórico publicou — na LAS, Roma — três estudos sobre textos deveras "fundamentais" para o conhecimento de Dom Bosco e das origens salesianas. Trata-se da edição crítica das *Memorie dell'Oratorio di San Francesco di Sales*, do primeiro volume do *Epistolario di Don Bosco*, renovado, com notas críticas e históricas, e de um estudo sobre *Il linguaggio della prima storia salesiana*.

Dada a importância destas obras para o conhecimento das fontes da história salesiana, fazemos, a seguir, breve apresentação de cada uma das publicações.

I. GIOVANNI BOSCO, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Introdução e notas aos cuidados de Antonio da Silva Ferreira, Instituto Histórico Salesiano, Fontes, primeira série, 4. LAS — Roma, 1991.

Edição dupla:

— edição crítica (256 páginas)

— edição para divulgação (160 páginas)

Não deveria passar despercebida aos Salesianos e a quantos se interessam pela obra salesiana a importância de uma obra como esta, escrita por Dom Bosco nos anos setenta e pela primeira vez publicada agora em edição crítica, enriquecida, mediante as notas, da possibilidade de reconstruir a história do texto e de ter à mão breves perfis dos personagens citados.

As *Memorie dell'Oratorio*, lidas como uma narrativa toda particular, obrigam a sair da posição cômoda de quem saboreia a leitura de uma atraente autobiografia de Dom Bosco para entrar na temática pedagógico-espiritual proposta pelo Santo. Trata-se do melhor livro de pedagogia e de espiritualidade salesiana escrito por Dom Bosco.

Para facilitar mais ampla difusão entre cooperadores, ex-alunos e amigos da obra salesiana, fez-se uma edição para divulgação, com menor número de notas críticas e maior abundância de notas históricas.

II. GIOVANNI BOSCO, *Epistolario. Vol I (1835-01863) lett. 1-726*. Introdução, notas críticas, históricas e índices aos cuidados de Francesco Motto. Instituto Histórico Salesiano. Fontes, primeira série. VI. LAS-Romas 1991, 718 páginas.

A procura das cartas de Dom Bosco — procura que durou vários anos e ainda não se concluiu, e que se fez em todos os cinco continentes — chegou finalmente à publicação do *primeiro volu-*

me do *Epistolario*. O projeto definitivo prevê, todavia, uma série de 8 volumes, cada um com um mínimo de 700 páginas (formato 165 x 260), contendo mais de 700 cartas, inclusive os 20-25% de cartas que não chegaram mas que foi possível reconstruir com a ajuda de outras fontes que se conservaram.

Trata-se de uma edição totalmente renovada em relação à preparada pelo P. Eugenio CERIA (e P. Eugenio Valentini) nos anos 1955-1959. À parte o número praticamente duplicado das cartas (no estado atual da pesquisa há mais de 5.000 cartas, na média duas cartas por semana), elas são publicadas sem nenhuma correção ou melhora. Precisa-se, além disso, a localização atual de cada texto, a consistência arquivística, a eventual publicação nas *Memorie Biografiche* e no *Epistolario* do P. CERIA, etc. Ao mesmo tempo que as notas críticas permitem reconstruir a história redacional de cada carta, as históricas apresentam, ainda que brevemente, os personagens lembrados, os acontecimentos citados ou de alguma maneira subentendidos no texto editado, os termos dialetais ou de difícil compreensão por parte de leitores não italianos. As mais de 80 páginas de índices permitem, enfim, uma rápida orientação na procura de temas que mais possam interessar.

Evidentemente, um volume assim (e os que virão depois no ritmo previsto de um cada dois ou três anos), além de indispen-

sável nas bibliotecas das casas de formação, recomenda-se para todas as comunidades salesianas. Para o conhecimento da biografia humana e espiritual de Dom Bosco, para o aprofundamento da sua espiritualidade e do seu método educativo não há nada melhor do que a correspondência epistolar por ele mantida com milhares de pessoas dos anos quarenta à sua morte.

Instrumento útil para a formação dos vários grupos da Família Salesiana, já o primeiro volume pode ser um estupendo subsídio para os amigos das nossas obras e um presente para personalidades e homens de cultura, bibliotecas e centros culturais.

O preço de capa foi reduzido ao mínimo para favorecer a difusão.

III. NATALE CERRATO, *Il linguaggio della prima storia salesiana. Parole e luoghi delle "Memorie Biografiche" di Don Bosco*. Instituto Histórico Salesiano — Studi, 7. LAS — Roma, 447 páginas.

As "Memorie Biografiche", pela importância que têm como compilação diligente e apaixonada dos discípulos, constituem e constituirão sempre um ponto de referência obrigatório para o conhecimento de Dom Bosco. Ora, a crescente dificuldade para as jovens gerações salesianas de compreender o significado exato de expressões locais ou fora de uso, de entender de maneira apro-

priada lugares e instituições do Oitocentos piemontês e o sentido das numerosas citações latinas apresentadas sem tradução estão na origem do volume, que vem a ser, então, como um complemento indispensável dos 19 volumes (mais o índice) das "Memorie Biografiche".

Uma vez que elas englobaram tanto as "Memorie dell'Oratorio" como grande parte do "Epistolario" de Dom Bosco, compreende-se como a leitura desses escritos de Dom Bosco se torne mais proveitosa com o glossário, com o dicionário e com a fraseologia latina preparados por Cerrato.

A obra recomenda-se também (e talvez se torna necessária) para quantos utilizam as "Memorie Biografiche", em italiano e também em espanhol e inglês.

5.4 Novos Inspetores

Alguns dados sobre os novos Inspetores que o Reitor-Mor com o seu Conselho nomeou durante a sessão de novembro-dezembro de 1991.

1. CUNNINGHAM Michael, Inspetor da Grã-Bretanha.

Michael Cunningham, que sucede a Michael Winstanley à frente da Inspetoria da Grã-Bretanha, nasceu em Radcliffe, Lancashire, dia 30 de julho de 1944. Aluno da escola salesiana de Bolton, fez o noviciado em

Burwash, onde fez a primeira profissão em 8 de setembro de 1964. Após a experiência do tirocínio prático e dos estudos teológicos, foi ordenado sacerdote em Bolton, dia 29 de março de 1974.

Depois de conseguir a licença na Universidade de Londres e o diploma de catequese, foi por vários anos professor e educador no colégio de Bootle.

Em 1989, foi nomeado Diretor da casa de Bolton. Desde 1990 era Vigário do Inspetor, trabalho que desempenhava com competência e dedicação.

2. DALLA VALLE Franco, Inspetor de Manaus (Brasil).

Para a Inspetoria missionária de Manaus foi designado o P. Franco Dalla Valle, que substitui o P. Benjamin Morando, no termo do seu sexênio.

Franco Dalla Valle nasceu em Crespano del Grappa, província de Treviso, Itália, dia 2 de agosto de 1945. Fez o aspirantado em Penango (Piemonte), o noviciado em Chieri-Villa Moglia, e a primeira profissão em 16 de agosto de 1963.

Logo depois dos estudos filosóficos, sentindo a vocação missionária, partiu para o Brasil, para a Inspetoria de Manaus. Fez aí o tirocínio, emitindo a profissão perpétua em Belém. Voltou à Itália para os estudos teológicos, em Castellammare di Stabia. Em 26 de agosto de 1972 era ordenado padre no Colle Con Bosco.

De volta ao Brasil, trabalhou no serviço pastoral em algumas

casas. Em 1982 foi nomeado Diretor do aspirantado salesiano de Manaus, assumindo a incumbência da pastoral das vocações até 1988, quando foi feito Diretor em Jí-Paraná. Em 1990 foi nomeado Diretor e Mestre dos novícios no noviciado de Porto Velho-Candeias, cargo que desempenhava até agora. Foi também Conselheiro inspetorial de 1982 a 1988.

3. *MÉSIDOR Jacques, Superior da Visitadoria de Haiti*

Primeiro Superior da nova Visitadoria de Haiti é o P. Jacques Mésidor, já havia alguns anos Delegado do Inspetor de São Domingos para as obras salesianas do Haiti.

Nascido em Limbé, Cap-Haitien, em 30 de julho de 1928, Jacques Mésidor conheceu os Salesianos no colégio de Port-au-Prince e, após uma caminhada vocacional, entrou no noviciado de La Navarre (França), onde fez a primeira profissão em 14 de setembro de 1949. Depois do tirocínio prático em Port-au-Prince, voltou à França para os estudos de teologia, sendo ordenado padre em Lyon, dia 13 de julho de 1958. Conseguiu sucessivamente (1974) a licença em catequese e pastoral, em Bruxelas.

Regressando, após a ordenação sacerdotal, ao Haiti, ocupou logo cargos de responsabilidade nas comunidades salesianas da ilha. De 1961 a 1966, foi diretor em Cap-Haitien, de 1966 a 1972; depois novamente, de 1978 a

1984, em Port-au-Prince. A partir de 1975, foi, por diversos períodos, Conselheiro inspetorial. Desde 1988 era delegado do Inspetor para o Haiti. Participou no CG23, como observador convidado pelo Reitor-Mor.

4. *PRATHAN Joseph, Inspetor de Bangkok (Tailândia)*

Joseph Prathan Sridarunsil, novo Inspetor da Inspetoria da Tailândia, nasceu em Nam Deng, Vat Pheng, Tailândia, em 9 de fevereiro de 1946. Conheceu os Salesianos em Hua Hin, onde fez também o noviciado, emitindo a primeira profissão dia 2 de outubro de 1965.

Após os estudos filosóficos e o tirocínio prático nas casas da Tailândia, foi mandado a Cremisan, na Terra Santa, para estudar teologia. Recebeu aí os ministérios e o diaconato, sendo ordenado sacerdote em Roma, dia 29 de julho de 1975, pelo Papa Paulo VI. Em Roma, frequentou na UPS o curso de espiritualidade, conseguindo o diploma.

De volta à Tailândia, já em 1979 foi feito Diretor da casa de Haad Yai. Em 1980, por um triênio, era transferido como Diretor da casa de Bandon. Depois, em 1986, assumia a direção de Hua Hin, e em 1984 era nomeado Conselheiro inspetorial. Em 1986, foi nomeado Vigário do Inspetor e contemporaneamente Diretor da casa inspetorial em Bangkok. Em 1989, continuando como Vigário inspetorial, era-lhe confiada a direção da comunida-

de e da obra de Banpong-Sarasit. Foi, então, nomeado Inspetor.

5. ASMA André, Inspetor da Inspetoria da Holanda

Na sessão plenária de inverno, o Reitor-Mor com o seu Conselho confirmou o P. André Asma como Inspetor da Holanda, por um novo sexênio

Nascido em Denekamp, diocese de Utrecht (Holanda), em 8 de junho de 1932, fez a primeira profissão salesiana em agosto de 1953. Ordenado sacerdote em 6 de maio de 1962, na Bélgica, foi por diversos anos animador no colégio de Rijswijk. Em 1967, passou a dirigir a casa salesiana de Rotterdam, e depois, em 1969, a de s'Heerenberg; foi diretor sucessivamente em Apeldoorn (1971), em Schiedam (1977) e em Lauradorp (1981). Em 1975 foi nomeado Conselheiro inspetorial e em 1985 Vigário do Inspetor. Desde 1986 dirigia a Inspetoria como Inspetor. (cf. ACG n. 317, p. 53).

5.5 Bispos Salesianos

Alguns dados dos dois novos Bispos salesianos

1. FORALOSSO José, Bispo de Guiratinga, Brasil

Dia 21 de novembro de 1991, o Osservatore Romano publicava a notícia da nomeação do padre salesiano José FORALOSSO para Bispo de Guiratinga, Brasil. Sucede a D. Camillo Faresin, também salesiano.

D. José Foralosso nasceu em Cervarese Santa Croce, diocese de Pádua, Itália, dia 15 de março de 1938. Depois do aspirantado em Castello di Godego (TV), fez o noviciado em Albarè (VR), emitindo a primeira profissão dia 16 de agosto de 1956.

Feitos os estudos filosófico-pedagógicos e a experiência do tirocínio, frequentou a teologia no P. A. S., primeiro em Turim, depois em Roma. Em Roma foi ordenado padre em 22 de dezembro de 1966 e conseguiu a licença em Teologia.

Atraído pela vocação missionária, partiu para o Brasil, onde foi destinado à Inspetoria de Campo Grande (MS). Por muitos anos se dedicou aos trabalhos pastorais e também ao mister de professor e formador nas casas da Inspetoria. De 1972 a 1978, foi Conselheiro inspetorial; em 1990 participou como delegado no CG23. Neste último ano era professor de teologia no estudantado interinspetorial da Lapa, em São Paulo

2. GODAYOL I COLOM Joan, Bispo-Prelado de Ayaviri.

O Osservatore Romano de 5 de dezembro de 1991 noticiava que o Santo Padre havia eleito o padre salesiano Joan GODAYOL I COLOM Bispo da Prelazia territorial de Ayaviri, no Peru.

Nascido em Mataró, província de Barcelona, Espanha, em 4 de novembro de 1943, Joan Godayol foi aluno do colégio sale-

siano “S. Antonio de Pádua” em Mataró, donde passou ao aspirantado de Gerona e, depois, ao noviçado de Arbós.

Feita a primeira profissão (16.8.1960), partiu logo para a Inspeção do Peru, onde fez os estudos filosófico-pedagógicos e o tirocínio.

Voltou a Barcelona para a teologia, no estudantado de Martí-Codolar, e aí foi ordenado padre em 13 de agosto de 1972.

Novamente no Peru, logo após a ordenação sacerdotal, ocupou logo cargos de governo. Em 1974 era nomeado diretor da casa de Lima-Santa Rosa, uma grande obra com um “Politécnico” para os jovens, e, em 1977, diretor da casa de Arequipa, com escolas profissionais.

Em 1983 foi enviado — sempre como diretor — à obra missionária de Yuca y Calca, Valle Sagrado. Atualmente era diretor da nossa grande obra de Arequipa, sede metropolitana da qual depende justamente a Prelazia de Ayaviri, para a qual o P. Godayol foi eleito.

5.6 Reitor da Universidade Pontifícia Salesiana

A Congregação para a Educação Católica, por proposta do

Reitor-Mor, na forma dos Estatutos, com decreto de 3 de dezembro de 1991, nomeou o Rev.mo Prof. *Raffaele FARINA* Reitor Magnífico da Universidade Pontifícia Salesiana, em substituição ao Rev.mo Mons. Tarcisio Bertone, eleito Bispo. O encargo do novo Reitor começou em 1º de janeiro de 1992.

O P. Raffaele Farina, nascido em Buonalbergo (Benevento) em 24.09.1933, fez a primeira profissão salesiana em Portici-Napoli dia 25.09.1949, e foi ordenado padre em Turim dia 01.07.1958.

Conseguida a licença em Teologia e a láurea em História

Eclesiástica (Roma, Gregoriana, 1967), tornou-se professor (ordinário desde 1977) de História da Igreja na Universidade Salesiana, da qual foi Reitor, por um sexênio, de 1977 a 1983.

Foi também Regulador do Capítulo Geral 21 e por vários anos Diretor do Arquivo Salesiano Central. Em 1981, foi nomeado membro da Pontifícia Comissão de Ciências Históricas e, em janeiro de 1986, Subsecretário do Pontifício Conselho para a Cultura junto à Santa Sé (cf. ACG 315, p. 55), cargo que desempenhou até à nova nomeação para Reitor.

5.7 Irmãos falecidos (1991 — 4ª lista)

"A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão" (Const. 94).

Nome	Lugar	Data da Morte	Idade	Insp.
L ALMINI Ambrogio	Torino	03.12.91	84	ISU
P BACZEK Stanislaw	Kopiec	28.09.91	79	PLO
P BATTAGLINO Vicente	Gal. Rocha	13.11.91	71	ABB
P BATTISTELLO Domenico	Tampa	31.10.91	89	SUE
P BELLONO Paolo	Bosconero	28.09.91	85	INE
P BIANCHI Eliseo	Lonavla	02.12.91	77	INB
E BONAMIN Vittorio	Funes (Argentina)	11.11.91	82	—
<i>Foi por 22a. Bispo auxiliar de Buenos Aires e Pró-vigário Castrense</i>				
P BONSIGNORE Giuseppe	Messina	20.05.91	80	ISI
P BRUDZ Viktor	Biala Górna	19.10.91	80	PLO
P CASIQUE Pedro	Caracas	19.07.91	76	VEN
P CASTEJON CASTRO Benito	Valencia	26.12.91	70	SVA
P CHINNICI Calogero	Catania	14.11.91	62	ISI
P CONNELLY John	Londres	13.11.91	71	GBR
P GRAVIOTTO Vincenzo	Savona	05.11.91	83	ISU
P CUADRADO Rogelio	Morón de la Frontera	02.10.91	60	SSE
P D'ALESSANDRO Paolo	Ebolowa	03.12.91	54	ILT
P D'SOUZA Cyril	Sulcora	06.12.91	80	INB
P DIEZ GALLO Eduardo	Madri	23.09.91	74	SMA
P FANTOZZI Aldo	Roma	08.11.91	76	IRO
P GALLENCIA Antonio	Turim	01.11.91	68	ISU
P GERACE Italo	Castellammare di Stabia	19.12.91	55	IME
P GHIGO Michele	Manaus	10.12.91	89	BMA
<i>Foi Inspetor por 4 anos</i>				
P GILABERT Oscar	Ramallo (Bs. As.)	29.12.91	63	ARO
P GONZALEZ CARRASCO Manuel	Rio Gallegos	30.11.91	80	ABA
P GONZALEZ LOPEZ Luis	México	24.10.91	85	MEM
<i>Foi Inspetor por 10 anos</i>				
P GRIFFIN Leo	Bolton	04.12.91	78	GBR
P GUILLAMET Josep	Barcelona	01.10.91	71	SBA
L GUTIERREZ VANEGAS Jesus	Medellín	30.11.91	81	COM
L HOEFLE Ludwíg	Waldwinkel	11.11.91	73	GEM
L HOFFMAN Jan	Przemysl	09.12.91	78	PLS
P HOULIHAN John	Bolton	29.10.91	57	GBR

Nome	Lugar e	Data da Morte	Idade	Insp.
P JESZKE Józef	Wejherowo	16.08.91	77	PLN
P KILIAN Wincenty	Lutomiersk	21.11.91	86	PLE
P KOSINSKI Stanislaw	Lad	15.07.91	67	PLN
P KUBARA Józef	Cracóvia	19.09.91	84	PLO
P LASAGNA Luigi	Turim	25.11.91	86	ISU
P LI VIGNI Natale	Trapani	05.10.91	84	ISI
P LINDENBERGER Johannes	Algasing	26.09.91	74	GEM
P MALAGOLI Angelo	Roma	07.10.91	78	IRO
P MAROCCHINO Umberto	Nasugbu	17.10.91	82	FIL
P MAUCEC Antonio	Manique-Estoril	18.09.91	79	POR
P MED Oldrich	Rosicích	23.09.91	77	CEP
P MORGANTI Primo	Roma	28.10.91	78	IRO
P MORINO Cesare	Turim	21.10.91	80	INE
P HÖLDERS Josef	Hildesheim	24.05.91	76	ILE
P MURARI Arturo	Milão	03.12.91	77	ILE
P OLEDZKI Stanislaw	Kobylnica	14.11.91	45	PLN
P PAVIOTTI Oreste	Udine	11.10.91	80	ING
<i>Foi Inspetor por 8 anos</i>				
P PLYWACZYK Ignacy	Czaplinek	14.11.91	57	PLN
P POPULIN Firmino	Ibague	07.10.91	74	COM
L PRETE Francesco	Bivio di Cumiana	06.11.91	86	ICE
P REALI Giulio	Roma	26.12.91	90	IRO
P REDAELLI Cesare	Arese	24.11.91	69	ILE
L REILLY Peter	Warrenstown	10.09.91	69	IRL
L RIVOLTA Francesco	San Donà di Piave	24.09.91	66	IVE
P RIZZATO Giovanni	Manila	20.09.91	80	FIL
L SACCO Enrico	Novara	20.09.91	88	INE
P SANCHEZ Juan	Del Valle	19.10.91	83	ALP
L SEPTIEN GARCIA Agustín	Barcelona	29.08.91	82	SBI
P SLOMKA Artur	Varsóvia	07.09.91	85	PLE
L TORRES Gerardino	Bogotá	14.06.91	82	
COBP TOURINHO Adriano	Pará de Minas	15.11.91	95	BBH
L TRAINA Joseph	Nova Iorque	18.10.91	71	SUE
P UREÑA Arroyo	Barcelona	21.10.91	82	SBA
P VALLA Héctor	Rosario	03.10.91	68	ARO
E VALLEBUONA Emilio	Lima	28.11.91	61	—
<i>Foi por 6 a. Inspetor, por 10 Bispo de Huaraz e por 6 Arcebispo</i>				
P VAN DE VIJVER Louis	St. Denijs-Westrem	13.11.91	77	AFC
P VERWEIJ Gerard	Etterbeek	07.10.91	74	BEN
P ZAREMBA Edward	Brunów	08.11.91	45	PLO
P ZEMAN Jan Kanty	Sciborzyce Eielkie	30.09.91	79	PLO
P ZERWAS Sebastian	Bell	10.12.91	80	GEK



Composto e Impresso pelas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 - Fone: 277-3211
03105 - Mooca - São Paulo - SP